



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

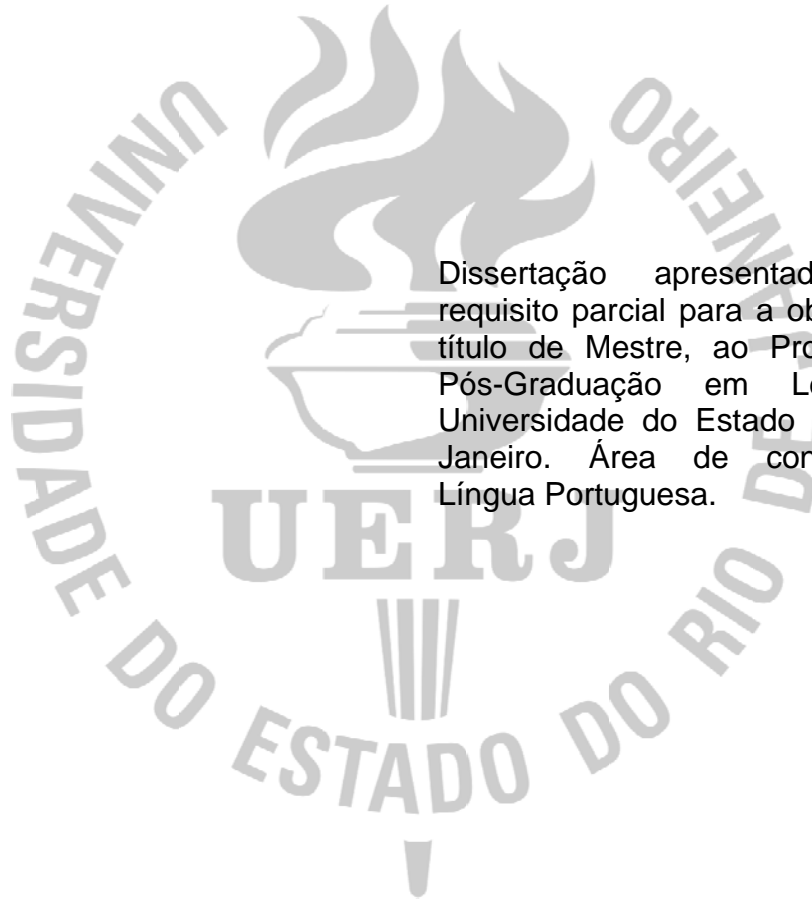
Elisa Tavares Pires

A transitividade em textos de autoajuda para mulheres

Rio de Janeiro
2013

Elisa Tavares Pires

A transitividade em textos de autoajuda para mulheres



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

P667	<p>Pires, Elisa Tavares. A transitividade nos textos de autoajuda para mulheres / Elisa Tavares Pires. – 2013. 93 f.: il.</p> <p>Orientadora: Vania Lúcia Rodrigues Dutra. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Língua portuguesa - Português escrito – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa - Análise do discurso – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Técnicas de autoajuda – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. I. Dutra, Vania Lúcia Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 806.90-085(07)</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Elisa Tavares Pires

A transitividade em textos de autoajuda para mulheres

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 29 de abril de 2013.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Magda Bahia Schlee
Instituto de Letras - UERJ

Prof . Patrícia Ribeiro
Instituto de Letras – UFF

Rio de Janeiro

2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Pai e Senhor da minha vida. Onde eu estaria se não fosse o Senhor?

À minha orientadora, Prof.^a Vania Dutra, pelo tempo dispendido, pelos e-mails trocados, pelo socorro nos momentos de dúvidas, pelos conselhos sempre úteis e precisos com que, sabiamente, me orientou neste trabalho.

À minha mãe, pelas noites em claro, pelas xícaras de café, pelos conselhos, pela troca de conhecimento, pelo colo afetuoso, pela firmeza de palavra, pelo apoio e amor incondicionais dados a mim, não só nesse, mas em todos os momentos da minha vida.

À minha tia Solange, pelo silêncio carinhoso e pela companhia tão amorosa sempre presente, desde que eu me recordo.

À minha irmã, minha companheira, por todo apoio que me deu e pela preocupação que sempre teve por mim.

À tia Ala, por todo amor e apoio, desde sempre; e a José, querido primo, pela presença e amizade.

A meu pai e irmão amados que sempre estão em meus pensamentos e coração.

À tia Marcia, por sempre acreditar em mim.

E a todos os meus amigos que de alguma forma ajudaram – mandando e-mails, telefonando, distribuindo sorrisos e palavras afetuosas, enviando mensagens ou ficando acordados – por chat – junto a mim enquanto eu escrevia. A todos vocês o meu “muito obrigada”. Em especial, ao querido amigo-fotógrafo Alex Mazullo, que sempre me lembrava, nas horas mais inusitadas e engraçadas, que eu tinha uma dissertação a acabar, nunca me deixando desistir de trilhar esse caminho.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a meu querido e tão saudoso tio Ubirajara de Paula Castro, *in memoriam*, por ter, um dia, afirmado com tanta alegria ter orgulho de sua sobrinha e por sempre ter acreditado em mim.

Pensei que discutiriam minhas ideias (que nem são minhas):
discutiram minhas intenções.

Mário de Andrade

RESUMO

PIRES, Elisa Tavares. *A transitividade nos textos de autoajuda para mulheres*. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A motivação inicial deste trabalho foi o interesse pelo desenvolvimento de estratégias argumentativas mais eficazes de ensino de produção textual na escola básica, no âmbito dos gêneros organizados segundo modo argumentativo. Além disso, motivou-nos também a percepção de que um grande número de alunas leem, hoje, crônicas voltadas para o público feminino, tendo seu discurso altamente influenciado pelo conteúdo ideológico-comportamental por elas veiculado – o que acaba se refletindo nos textos que escrevem nas aulas de redação. Esse fato chamou nossa atenção, o que nos levou a perceber, também, a vendagem em massa de livros de autoajuda para mulheres. Percebemos que, ao examinarmos as escolhas linguísticas de um discurso de autoajuda, poderíamos trazer à tona algumas crenças e alguns valores, subjacentes à mensagem relativa à experiência de ser mulher e invisíveis para quem aceita esse tipo de discurso como algo natural. Analisaremos então - tendo como suporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday, no escopo da transitividade – cinco crônicas voltada para o público feminino, com características dos discursos de autoajuda, em cujos textos se vê um grande quantitativo de estratégias argumentativas (algumas clichês) para o convencimento do leitor, estratégias essas apoiadas nas escolhas linguísticas de seus autores, cujo objetivo claro é a produção de determinados sentidos.

Palavras-chave: Argumentação. LSF. Autoajuda. Transitividade.

ABSTRACT

The initial motivation of this work was the interest by the development of the most efficient text productions strategies on elementary and high school. Furthermore prompted us, that a large number of female students read crhonicals directed to women audience, having their speech heavily influenced by behavioral- ideological content conveyed by them which is reflected in the texts they write in writing production classes. We realized that when we examine the grammatical choices of a self-help text could bring out some beliefs and some values that belongs to the message, and would say invisible to those who accept this type of speech as something natural. Thinking this way, we form our "corpus" from five chronics for the female audience, because we believe that this specimen contained a lot of characteristics that also appeared in texts belonging to what we call self-help and we will analyze them supported by Systemic Functional Linguistics proposed by Halliday. Our goal is therefore to characterize self-help women's texts chronics as argumentative structure very similar to argumentative structure of the proverbs, establishing the necessary links between the use of clichés phrases and their persuasive objectives facing to women in general and evaluate the argumentative strategies used by the authors of self-help books as exemplars for the production of argumentative texts in school. With this, we hope we contributed to form critical readers able to realize the common sense and the "cliché" in argumentative texts such as texts of self-help books and to form producers of argumentative clear objectives and effective texts in view of the communicative goal of its author.

Keywords: Argumentative structure. Systemic Functional Linguistics. Self-help.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1	Argumentação	14
1.2	Linguística Sistêmico-Funcional	20
1.2.1	<u>A metafunção ideacional e o sistema de transitividade</u>	26
1.2.2	<u>Tipos de processos e seus principais participantes</u>	28
2	AUTOAJUDA	33
2.1	Contexto histórico	34
2.2	Público-alvo	38
2.3	Características	40
3	A CRÔNICA	44
3.1	Crônica e autoajuda	47
4	METODOLOGIA	53
5	LEVANTAMENTO DOS DADOS	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXO A - Sisters (Texto 1)	84
	ANEXO B - Ai de nós, quem mandou? (Texto 2)	86
	ANEXO C - De onde surgem os amores (Texto 3)	88
	ANEXO D - A mulher feia (Texto 4)	90
	ANEXO E - Condição de entrega (Texto 5)	92

INTRODUÇÃO

O que quer que um outro disser bem, é meu
[Sêneca]

Lei da atração, Mulheres poderosas, Casais inteligentes enriquecem juntos, Relacionamentos estáveis e duráveis para sempre. Não é difícil encontrarmos títulos como esses ao percorrermos as prateleiras das grandes livrarias. Também não é difícil depararmo-nos com pessoas que já leram esse tipo de livro. Diante do inegável sucesso editorial dos textos de autoajuda, parece-nos interessante promover um estudo a respeito, analisando-os do ponto de vista do discurso, principalmente porque “estudos realizados até então sobre o tema, pelas ciências humanas, focalizam suas análises no aspecto sócio-histórico e psicanalítico de sua criação e sua expansão na sociedade” (AGUIAR, 2009, p.11), mas encontramos poucos trabalhos que se atenham à análise linguística dos mesmos.

Caracterizando melhor o discurso de autoajuda, percebe-se que nele existem, de forma abundante, “sugestões apoiadas no senso comum, em superstições, generalizações, redundâncias” (*idem*, p.10). Nesse sentido, Pereira (1998 *apud* Alonso 2009) diz que o homem moderno, além de recorrer às formas tradicionais de religião, recorre também a diversas crenças manifestadas em novos movimentos religiosos, grupos e seitas de diferentes origens, expressões e práticas espirituais, abrangendo desde religiões orientais até propostas terapêuticas derivadas delas. Essa mentalidade cultural vem sendo intensificada com o crescimento de uma visão de mundo apoiada em áreas do conhecimento como a psicologia, a medicina e, ao mesmo tempo, em práticas religiosas e espirituais, o que dá origem, segundo Alonso, “a noções baseadas numa psicoespiritualidade, cujo fundamento é o autocultivo e o autoaperfeiçoamento do indivíduo dentro de uma sociedade descentralizada” (2008, p.4). O transcendental e o sagrado passam a existir no processo de internalização do eu.

Assim, não negando esse ponto de vista social e psicológico do discurso de autoajuda, importa observar esse discurso a partir da ciência linguística, o que justifica por si só essa pesquisa. Procuramos analisar, num *corpus* de cinco crônicas da autora Martha Medeiros, os aspectos retóricos e discursivos presentes no discurso encontrados nesses textos. Essas crônicas são voltadas para o público

feminino e foram publicadas em jornais de grande circulação – a saber, O Globo e Zero Hora. Nossa intenção foi identificar os recursos que caracterizam a imagem de mulher presente nas crônicas e discutir, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, como se dá a construção do sentido desses textos para o público leitor. Analisamos algumas estratégias argumentativas usadas pela cronista para conseguir persuadir o público, fazendo uma relação entre tais estratégias e sua função no discurso de autoajuda.

Ao escolher as crônicas de Martha Medeiros para constituir o *corpus* analisado nesta pesquisa, pretendemos identificar as nuances da linguagem utilizada pela autora e estabelecer uma relação entre suas crônicas e o discurso de autoajuda, hoje tão difundido em nossa sociedade.

Percebe-se que a sedução da autoajuda apoia-se em seu discurso, o qual leva o indivíduo a criar uma “fantasia” em que é ele mesmo o objeto idealizado. Ele acredita, quando alcançado por esse discurso, que encontrará o que deseja e, finalmente, que conseguirá felicidade, realização e liberdade.

Propomos aqui uma “investigação”, nas crônicas de Martha Medeiros voltadas especificamente para o público feminino, dos aspectos retóricos e discursivos presentes nos seus textos, que podem ser caracterizados como pertencentes ao que chamamos de “discurso de autoajuda”, termo utilizado tanto por Alonso (2008) quanto por Aguiar (2009). Deixemos claro que classificamos as crônicas como “voltadas para o público feminino” tendo em vista que a própria autora se coloca no texto e faz saber que está se dirigindo às mulheres. A intenção foi investigar a estrutura desse discurso, observando as técnicas usadas pela autora com a finalidade de persuadir e conquistar a adesão do público-alvo. Para isso, fizemos o levantamento numérico dos dados e procedemos a sua análise interpretativa, com base na Linguística Sistêmico Funcional, atendo-nos à metafunção ideacional.

Para tanto, neste trabalho, partimos da hipótese de que, em textos voltados para o público feminino nas crônicas de Martha Medeiros, existem, dispersos, enunciados que se caracterizam como “discurso de autoajuda”. Consideramos que, em relação à língua portuguesa, há muito ainda a ser investigado nesse terreno. Consideramos, também, que essa discussão pode ser de grande valia para o avanço dos estudos na área da produção textual e da leitura, refletindo-se, portanto, na prática pedagógica. Desse modo, buscamos encontrar, no discurso da escritora,

os indícios que revelassem a criação de uma imagem de mulher, além de uma estrutura semelhante ao discurso de autoajuda; além de mostrar – por meio da análise dos processos que figuram em maior quantidade nas crônicas – como se dá o processo de sedução do leitor/ouvinte por meio dos recursos persuasivos.

Em nossa pesquisa, pudemos perceber que a literatura disponível sobre o tema autoajuda é escassa. Os autores com quem estabelecemos diálogo consideram, no geral, o discurso de autoajuda como aquele que sustenta a ideia de que o indivíduo pode melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar dinheiro; enfim, toda uma crença que se criou em torno da realização dos sonhos e desejos de cada um apenas acreditando em si mesmo. A autoajuda hoje é um instrumento a mais para ajudar o ser humano a retomar o “poder” sobre si e sobre certas situações do cotidiano. Ainda de acordo com esses autores, hoje, o principal objetivo da literatura de autoajuda não seria desenvolver a personalidade do ser humano, mas dar “dicas” de como o indivíduo pode atingir o sucesso em todos os aspectos de sua vida, como sucesso profissional, amoroso, financeiro, familiar, entre outros. Herbelle (1999) trata especificamente do discurso de autoajuda presente nos editoriais de revistas femininas e da representação de mulher que é construída neles, analisando, para isso, os textos com base na metafunção ideacional.

Chagas (1999) circunscreveu o discurso de autoajuda no universo do individualismo como movimento ideológico da cultura moderna. Ainda nessa linha, aprofundou suas reflexões em um trabalho que procurou compreender a construção de um "sujeito imaginário", concomitantemente à identificação das razões sociais, culturais e subjetivas que contribuem para o êxito da autoajuda como fenômeno editorial na sociedade contemporânea. Alonso (2008) trabalhou os aspectos argumentativos presentes no discurso de autoajuda, tendo como base a Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday. Aguiar (2009), por sua vez, utilizando um *corpus* composto por treze revistas femininas, investiga, tendo como aporte teórico as teorias sobre argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), os aspectos retóricos e discursivos presentes nesse discurso, verificando as técnicas e estratégias utilizadas pelo orador com a finalidade de persuadir e conquistar a adesão do auditório.

Antes de proceder à análise das crônicas, apresentamos, no capítulo 1, os referenciais teóricos em que se baseia nossa pesquisa. A seção 1.1 discorre sobre o a argumentação, com base em Ingedore Koch (2002) e Ducrot (apud Koch). A seção

1.2 dá uma visão geral sobre a corrente funcionalista nos estudos da linguagem, especificamente o modelo sistêmico-funcional de Halliday (2004). Nela também discutimos, com maior ênfase, a metafunção ideacional, focada no sistema de transitividade. No capítulo 2 falaremos sobre a autoajuda, seu contexto de surgimento, suas características e seu público-alvo. No capítulo 3 descrevemos o gênero crônica, suas características e discutimos como o discurso de autoajuda pode figurar nesse gênero. A seguir, no capítulo 4, toda a metodologia do trabalho é descrita: o *corpus* e os procedimentos de análise são apresentados, os dados são analisados e, no capítulo 5, os resultados são discutidos. Ao fim, o capítulo 6 apresenta as considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de transitividade observado aqui tem sua origem na teoria de Halliday, o responsável pelo desenvolvimento da Linguística Sistêmico Funcional. Halliday (2004) apresenta em sua teoria três metafunções por meio das quais textos podem ser analisados: ideacional, interpessoal e textual.

A metafunção ideacional, com a qual nos propusemos a trabalhar, compreende a língua como sistema modelador da realidade. E, como parte integrante dessa metafunção, tem-se a busca pela resposta ao questionamento: quem (ou o quê) é afetado pelo processo? Tal questionamento é a base da interpretação transitiva, ou do sistema da transitividade, por meio do qual o *corpus* deste trabalho será analisado.

De acordo com Koch (2002, p.19), “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”. A neutralidade não existe de fato, pois mesmo aquele discurso que se pretende neutro já possui ideologia.

Dessa forma, a atividade de interpretação funda-se na suposição de que todo aquele que fala tem uma intenção, e consiste tal atividade, justamente, na captação dessas intenções. Assim, a compreensão de um texto não é simplesmente um processo de decodificação de frases: trata-se de passar de uma sucessividade de enunciados a um todo de sentido, coeso e coerente, inserido em uma situação específica de comunicação.

Alonso (2008), para caracterizar o discurso de autoajuda se vale da noção de intertextualidade e interdiscursividade propostas por Fairclough. De acordo com a autora, “cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação”. Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos.

Segundo ela, Fairclough faz uma distinção entre 'intertextualidade manifesta', em que, no texto, recorre-se explicitamente a outros textos específicos, e 'interdiscursividade' (ou 'intertextualidade constitutiva'), a constituição heterogênea de textos por meio de elementos pertencentes a diversos gêneros ou ordens de discurso, ou seja, refere-se à constituição heterogênea de textos por meio de outros

textos específicos. Já a intertextualidade manifesta está relacionada a fatores como: metadiscurso, representação do discurso, pressuposição, negação, ironia.

Essas duas noções serão importantes nesse trabalho para que possamos afirmar que o discurso de autoajuda contém em si um discurso moldado pelo senso-comum, algumas vezes até mesmo proverbial. Também fazem-nos notar que Martha Medeiros utiliza, mesmo que implicitamente, o discurso presente nos manuais e livros de autoajuda para persuadir seu público-alvo.

1.1 Argumentação

Trabalhar com a linguagem, cujo estudo exige um horizonte capaz de produzir sentido e não somente uma simples descrição de um fenômeno empírico é considerar que essa não é transparente. Mais que significados, as palavras têm usos. O significado de um signo “depende das relações entre as diferentes partes dos enunciados e essas relações são determinadas pela estrutura do sistema da Língua” (COLLADO, 1980, p.70).

O texto argumentativo, pela natureza dos fins a que serve, tem como objetivo conseguir a adesão do interlocutor à tese do locutor. A sua eficácia, conseqüentemente, depende da adoção, por parte do enunciador, de uma estratégia argumentativa adequada ao conteúdo selecionado e às características biopsicossociais do interlocutor.

Qualquer ato de enunciação ocorre dentro de um quadro de condições, tais como: a) é realizado por um locutor, condicionado biopsicossocialmente, movido por uma ou mais intenções; b) acontece em um contexto histórico definido e em determinado lugar; c) refere-se a um mundo (ou a aspectos do mundo) objetivo ou subjetivo, representado por meio de uma língua e dos elementos da situação em que se realiza a enunciação; d) dirige-se a um ou mais interlocutores, igualmente condicionados às condições de produção do discurso.

A habilidade que um enunciador tiver para explorar as virtualidades argumentativas desses constituintes da enunciação, certamente, contribuirá para a eficácia de sua produção textual.

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se pela argumentatividade. Koch (2002^a, p.10) defende a proposta de que o ato linguístico fundamental é o ato de argumentar. Para a autora, “o ato de argumentar é visto

como o ato de persuadir, que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas”.

É por essa razão que, como já dissemos, se pode afirmar que “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” (KOCH, 2002, p.19). Para a autora, enquanto o ato de convencer se dirige somente à razão por meio de provas objetivas, o ato de persuadir procura atingir a vontade dos interlocutores, por meio de argumentos plausíveis, e tem caráter “ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um ‘auditório particular” (KOCH, 2002^a, p.20). Enquanto o primeiro leva a certezas, o segundo conduz o auditório à adesão aos argumentos a partir das inferências.

Perelman ressalta (*apud* KOCH, 2002a),

[...]que a argumentação visa a provocar ou incrementar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão. Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um “auditório universal”, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal (as conclusões decorrem naturalmente das premissas, como ocorre no raciocínio matemático), o ato de persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade e o sentimento do (s) interlocutor (es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um “auditório particular”: o primeiro conduz a certezas, ao passo que o segundo leva a inferências que podem levar esse auditório – ou parte dele – à adesão dos argumentos apresentados.

A argumentação desenvolve-se em função de um destinatário, que influencia direta ou indiretamente a forma como evoluem os argumentos propostos. Argumentamos para persuadir alguém que, à partida, não partilha os mesmos pontos de vista ou as mesmas convicções que nós temos. Sem ferir a atenção do destinatário da argumentação, esta jamais poderá ser efetiva. É, pois, condição necessária o estabelecimento de um acordo que em nenhum caso pode ser tácito. A argumentação não é um ato de persuasão meramente psicológico de um auditório.

Partindo, então, do postulado de que a argumentação é inerente ao uso da linguagem, podem-se adotar as ideias de que argumentar constitui a atividade que estrutura todo e qualquer discurso e de que toda a atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamentar-se-ia na suposição de que quem fala tem determinadas intenções ao comunicar-se (KOCH, 2002^a, p.24). Ora, se está

presente em “todo e qualquer discurso”, pode também ser encontrada em crônicas veiculadas em jornal, em que a voz que fala é claramente feminina para um público também composto por mulheres.

Ainda de acordo com Koch, a enunciação faz-se presente no enunciado por diversas marcas, e seria por meio delas que se chegaria ao alvo para onde esse enunciado aponta. Não basta conhecer o significado literal das palavras: é preciso reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as condições em que foi produzido o discurso.

A argumentação não se confunde com a demonstração: enquanto a segunda não exige um auditório para ser construída, a primeira depende dele para se concretizar plenamente. A argumentação é, por definição, diálogo de ideias entre dois sujeitos; a demonstração é, pelo contrário, um exercício racional monologado ou impessoal. No primeiro caso, prevalece uma relação entre um Eu e o Outro a quem se tenta influenciar de algum modo; no segundo caso, há a relação de um Eu com as leis da lógica, sendo o próprio sujeito o primeiro a ter de ser convencido das teses a demonstrar.

Como pudemos notar, nas crônicas analisadas, o propósito é intencionalmente argumentativo. Percebe-se claramente a intenção da autora de não apenas demonstrar sua opinião sobre determinados temas corriqueiros, mas também de convencer seu público-alvo de que suas ideias têm fundamento. As escolhas gramaticais (como, por exemplo, o uso de pronomes de primeira pessoa do plural) favorecem essa identificação entre escritora e leitoras, facilitando, desse modo, a adesão das últimas ao que foi exposto.

Cada ato de linguagem é constituído de três atos: o falar, o dizer e o mostrar. O falar consiste na produção de frases, é o nível gramatical ou o ato ilocucionário. O dizer consiste em produzir enunciados, que são entidades semânticas. O mostrar, por sua vez, estaria ligado à enunciação, segundo Koch.

A ideologia transita entre os espaços da enunciação e da interação, de modo que, no momento da enunciação, serão impressos na mensagem os princípios ideológicos que regem determinado veículo, e no momento em que o interlocutor receber a mensagem, ela será interpretada segundo os preceitos por ele aceitos. Assim, “por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões” (KOCH, 2002a, p.19). Isso quer dizer que todo discurso é ideologicamente

marcado, e isso não seria diferente nas crônicas voltadas para um público composto majoritariamente por mulheres. A adoção de temas comuns ao universo feminino permite que as interlocutoras se reconheçam nos fatos narrados – e nas opiniões emitidas – mais facilmente.

Em sua vivência, o ser humano interage com outros seres ao mesmo tempo em que busca compreender-se e integrar-se ao mundo. Não nasce integrado a este mundo, mas integra-se, gradativamente utilizando-se das palavras. Nesse sentido, a linguagem é o meio pelo qual o ser humano se constitui sujeito, atribui significados aos eventos, aos objetos, aos seres, tornando-se, portanto, um ser histórico e cultural.

É necessário aqui fazer a distinção entre *significado* e *sentido*. Forma e sentido articulam-se para constituir a significação na linguagem.

O sentido não é algo cristalizado, mas evolui histórica e culturalmente. Pertence à ordem do pensamento somente quando viabilizado pela fala, pois só existe pensamento a partir de sua viabilização pela palavra.

Costas e Ferreira (2011) afirmam, em seu trabalho sobre significado e sentido em Vigotsky, que se pode pensar que o significado é construído em acordo com as situações vivenciadas. Daí surge a ocorrência do que chamamos de níveis: o que se entende, o que significa (a sua própria vivência), a intenção (o que se quer) e o que é inconsciente (não se sabe o que se quer). Diante dos acontecimentos, estes níveis são ressignificados, pois, ao surgir uma ideia e pretender-se expô-la a um interlocutor que questiona, complementa e refuta, os dois estão, juntos, atribuindo novos significados a esta ideia.

Ainda de acordo com as autoras,

O sentido, por sua vez, tem caráter simbólico. É, aliás, o simbólico o elemento mediador da relação homem/mundo. Portanto, serve o sentido como um possibilitador dessa relação. Recapitula-se aqui a importância do social. O sujeito produz-se como indivíduo na ação social e na interação, internalizando significados a partir do social. (COSTAS; FERREIRA, 2011, p.215)

A semântica argumentativa, por meio da Teoria da Argumentação na Língua, pensada primeiramente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre e em sua fase atual denominada Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), sistematizada por Ducrot e Marion Carel, assume que a argumentação é intrínseca à língua. Por isso, compreende que a descrição semântica do sentido de um discurso deve ser construída com base nas relações que as palavras ou os enunciados estabelecem

entre si. Ducrot (1988) opõe-se essencialmente à concepção tradicional, segundo a qual o sujeito falante apresenta um argumento como justificativa para uma determinada conclusão. Desse ponto de vista, o argumento contém um fato e se constitui na apresentação de uma razão. O fato implica a conclusão por via lógica, psicológica, sociológica, nunca linguística. Tal concepção, para Ducrot é a tradicional (1988, p. 72). No entanto, para o autor, não há essa relação de implicação entre o fato e a conclusão: para ele, a argumentação está na língua. Na teoria dos *topoi* argumentativos, o valor argumentativo das palavras é o responsável pela direção argumentativa do discurso.

Ortmann, em seu trabalho sobre a argumentação na construção dos sentidos em diferentes gêneros discursivos, afirma que

ao abordar a argumentação como essência da língua, a semântica argumentativa, conseqüentemente, opõe-se à concepção tradicional de argumentação, na qual os fatos extralinguísticos são os que motivam a conclusão de um argumento. Segundo Ducrot (1990), uma das razões que demonstra a inviabilidade de a argumentação ser independente da língua é a possibilidade de enunciados diferentes designarem o mesmo fato do mesmo contexto e, no entanto as argumentações possíveis a partir desses enunciados serem completamente diferentes. (ORTMANN, 2009, p.1050)

Em 1969, Ducrot formula sua teoria semântica, considerando que o enunciado produzido poderia ser desdobrado em dois atos: *ato de asserção* (posto) e *ato de pressuposição* (pressuposto). O *posto* corresponde ao que é dito no enunciado, de competência do locutor que garante a realização de seu discurso por meio dele. Já o *pressuposto* possibilita ao locutor dizer implicitamente algo, recorrendo ao interlocutor para, juntos, interpretarem aquilo que foi dito.

Ao articular as noções de *pressuposto* e de *subentendido*, Koch (2004, p. 69) diz que “a pressuposição é parte integrante dos enunciados; o subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira como este sentido deve ser decifrado pelo destinatário.” Enquanto os pressupostos estão relacionados a um componente linguístico – presente no próprio enunciado – independente das condições de ocorrência, os subentendidos estão previstos por um componente retórico que leva em conta as circunstâncias da enunciação, estando, portanto, ausentes no enunciado. Assim, o pressuposto é uma informação estabelecida como indiscutível ou evidente tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois a estrutura linguística oferece os elementos necessários para depreender o sentido do enunciado. Já o subentendido, por possibilitar dizer alguma coisa, aparentando não a dizer ou não a dizendo, passa a ser de responsabilidade do ouvinte/leitor.

Os pressupostos têm que ser verdadeiros ou pelo menos admitidos como verdadeiros, porque é a partir deles que se constroem as informações explícitas. Se o pressuposto é falso, a informação explícita não tem cabimento.

Ducrot (1988) explica que o valor ilocucionário de um enunciado pode não estar marcado na frase em que é realizado. A pressuposição, portanto, não estaria atada à frase, podendo aparecer tanto no nível do enunciado como também sob a forma de subentendido.

Como se articulariam, então, as noções de pressuposto e subentendido? A pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados; o subentendido diz respeito à maneira como esse sentido deve ser decifrado pelo interlocutor. A pressuposição, portanto, deve ser considerada um elemento de sentido, um dos fatores de coerência do discurso. Seu uso retórico seria uma manobra argumentativa de grande eficácia.

Além disso, para que seja convincente, a argumentação precisa de um elevado grau de credibilidade. Nos textos de Martha Medeiros, isso é conseguido por meio da exposição que a autora faz de si mesma em comparação com outras mulheres, mostrando os mesmos anseios e dúvidas, mas também as mesmas certezas. Some-se a isso o fato de ela ser – ao menos aparentemente – uma mulher “bem resolvida” e feliz, o que corrobora a visão da leitora de que “se sentimos as mesmas coisas, eu também posso ser feliz como ela é”.

A persuasão, em especial a persuasão implícita, que permeia o texto, nem sempre é realizada por adjetivos e advérbios claramente persuasivos, mas graças também a determinadas escolhas léxico-gramaticais, não consideradas interpessoais na tradição, que, combinadas a contextos específicos, tornam-se altamente persuasivas. Esse tipo de persuasão, que acontece cumulativamente conforme o texto se desenrola, pode ser extremamente eficaz em certos contextos.

Ao articularmos a noção de significado e sentido ao de pressuposição, percebemos que, quando se coloca no lugar de intérprete, o sujeito, de antemão, já atribui ao material a ser interpretado a potencialidade de conter significados, senão está inviabilizada sua ação de intérprete. O que ele ainda não sabe é se os significados são explicitamente apresentados ou se necessitarão de um maior aprofundamento na leitura. A ação de interpretar pode ser entendida, então, como a busca por desvelar sentidos e significados no texto que se reveste de desafios, intencionalidades, ludicidades que movimentam o intérprete

1.2 Linguística Sistêmico-Funcional

Por uma gramática funcional entende-se “uma teoria da organização gramatical das línguas que procura integrar-se em uma teoria global da interação social.” (NEVES, 1997, p.15). Para a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), a língua organiza-se em torno de dois eixos: o sintagma e o paradigma. Isso quer dizer que devemos considerar que cada escolha no eixo paradigmático, mesmo inconsciente, produz efeito no significado do que se constrói no eixo sintagmático. Por isso, para a LSF,

a gramática tem sua origem no discurso, aqui tomado como conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. (CUNHA e SOUZA, 2007, p.18).

Apesar de a LSF ter sido proposta pela primeira vez na década de 1960, apenas há duas décadas ela chegou ao Brasil, e seus estudos por aqui se intensificaram nos últimos anos. Sendo assim, trabalhos como este têm relevância porque contribuem para a descrição do português sob uma perspectiva teórica funcional, ainda pouco explorada no meio acadêmico. Contribuem também para uma abordagem funcionalista de textos na escola.

A linguagem, para Halliday (2004), é um recurso para a produção de significados. Assim, quando vamos analisar textos, revelamos a organização funcional dos termos que o compõem, ou seja, sua estrutura. A LSF tem como base a semântica, a análise é realizada a partir da significação que se constrói pelo uso da linguagem. Da mesma forma, a transitividade, objeto de análise neste trabalho, também possui uma forma de investigação baseada na semântica. Assim, a transitividade é encarada de uma nova maneira, considerando as funções sociais que desempenha. Halliday (2004, p. 135) postula que “a forma particular assumida pelo sistema gramatical da linguagem está relacionada de perto com as necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender”.

Por meio das escolhas, são formadas as estruturas numa ordem sintagmática, que revelam o aspecto composicional da língua e seguem o princípio do ordenamento. Cada escolha feita implica um determinado significado, que por sua vez está em oposição às outras escolhas possíveis e não concretizadas. A

abordagem sistêmico-funcional provê a descrição detalhada das funções e das estruturas dos textos, e relaciona as variáveis do contexto de situação à organização gramatical e semântica da linguagem para fornecer explicações funcionais sobre a dimensão contextual dos textos. Seu foco de interesse é, portanto, o uso da língua como forma de interação entre os falantes. Segundo Souza e Dionísio (2006),

esse interesse leva os estudiosos dessa vertente teórica a dirigir seu olhar para quatro pontos centrais e constitutivos da linguagem, quais sejam: (i) o uso de uma língua é sempre funcional; (ii) as funções são para fazer sentidos; (iii) os sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural do qual tomam parte; e (iv) o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, um processo de produzir significado pelas escolhas linguísticas realizadas. (SOUZA e DIONÍSIO, 2006, p.2)

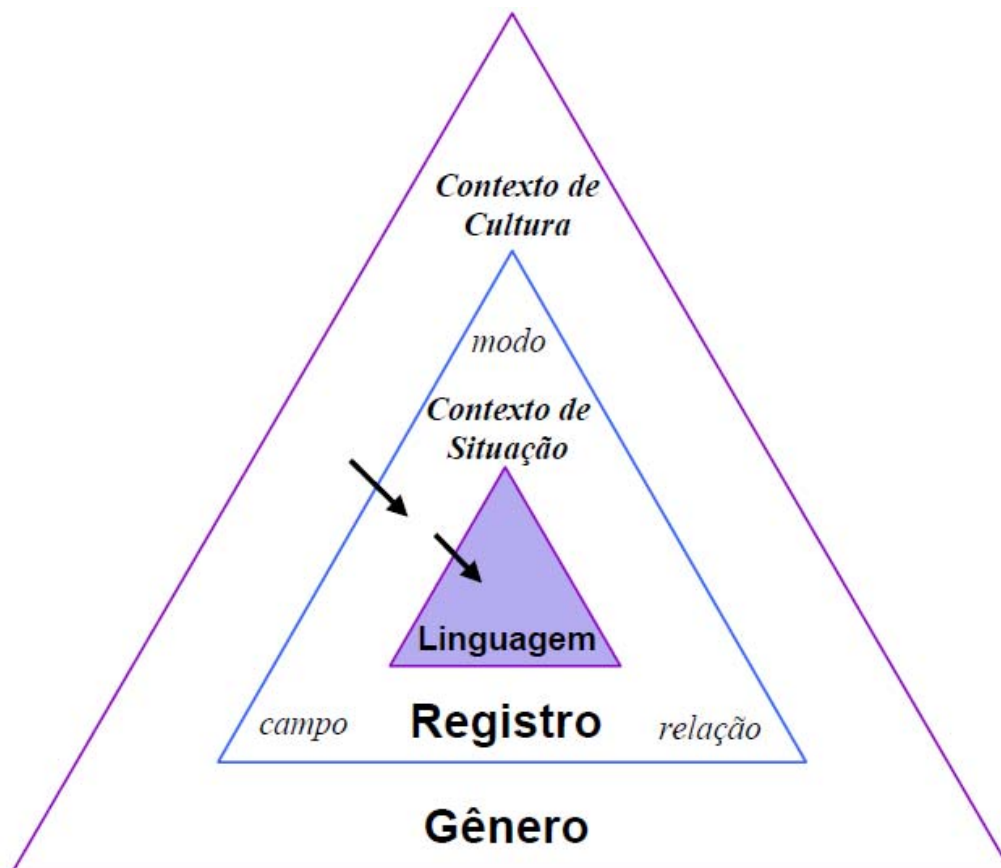
A cada um dos elementos da configuração contextual corresponde uma metafunção (ou significado), quais sejam: ao elemento *campo* corresponde a metafunção ideacional; ao elemento *relações* corresponde a metafunção interpessoal; e ao elemento *modo* corresponde a metafunção textual. No presente trabalho, vamos nos deter no elemento campo e na metafunção ideacional.

Para interagir socialmente, os usuários de uma língua fazem uso desse objeto uma vez que a troca no meio social se dá essencialmente via linguagem verbal. De acordo com Halliday, “como normalmente todo ato de fala serve a cada uma das funções básicas da linguagem, o falante seleciona simultaneamente entre todos os tipos de opções.” (HALLIDAY 2004, p.138).

Ainda de acordo com o autor, fatores externos afetam as escolhas linguísticas do falante. Ao conjunto desses fatores chamamos de “contexto de situação”, que se encontra inserido em um “contexto de cultura”, que seria “a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular” (CUNHA e SOUZA, 2007, p.21). É a combinação dos dois contextos que faz um gênero ser diferente de outro. Essa combinação é motivada pelos parâmetros que definem o contexto de situação: *campo* diz respeito à natureza da prática social, corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo; *relação* diz respeito à natureza da ligação entre os participantes da situação; e *modo*, à natureza do meio de transmissão e mensagem.

Para melhor ilustrar o que afirmamos, observemos a figura a seguir. Ela tem por base os estudos de Eggins e foi adaptada por Zanella, em sua dissertação sobre estudos da transividade em *abstracts* biomédicos.

Figura 1 – os diferentes níveis de contexto



Fonte: EGGINS apud ZANELLA, 2006, p.7

De acordo com Eggins, esse diagrama mostra os seguintes argumentos: que o gênero textual é um dos dois níveis do contexto que estão sendo reconhecidos; que o contexto de cultura (gênero textual) é mais abstrato, mais geral do que o contexto de situação (registro); que os gêneros textuais são realizados (codificados) por meio da linguagem; que este processo de realização dos gêneros textuais na linguagem é mediado pelo registro. Para exemplificarmos esse fato, tomemos como exemplo a crônica “Ai de nós, quem mandou” (texto 2), uma das cinco crônicas analisadas neste trabalho.

TEXTO 2

Ai de nós, quem mandou?

Mulheres ganham salários menores do que os dos homens, e líderes feministas seguem lutando para reverter essa injustiça. Mas já não sei se é boa ideia continuar batalhando por igualdade. Depois de ler o resultado de uma recente pesquisa feita pela Universidade de Harvard, fiquei inclinada a pensar que talvez seja melhor manter as coisas como estão. A pesquisa chama-se *Schooling Can't Buy Me Love* (Escolaridade não pode me comprar amor) e confirma que mulheres que estudam mais acabam progredindo e, quanto mais bem-sucedidas, menores as chances de se casar. Os homens ainda não estão preparados para abrir mão da superioridade que o papel de provedor lhes confere. E mesmo os mais antenados, que apoiam que suas mulheres sejam independentes, ficam inseguros se elas tiverem cargos de chefia e muita visibilidade. Ganhar dinheiro, tudo bem, mas aparecer mais do que eles já é desaforo.

Beleza. O que vamos dizer para nossas filhas? Estudem, mas fazer doutorado e mestrado é exagero, antes um bom curso de culinária. Tenham opiniões próprias quando conversarem com as amigas, mas em casa digam só “ahã”, para não se incomodar. Usem seu dinheiro para comprar roupas, pulseiras e esmaltes, esqueçam o investimento em viagens, teatro e livros. E, na hora de se declararem, troquem o “eu te amo” por “eu preciso de você”, “eu não sou ninguém sem você”, “eu não valho meio quilo de alcatra sem você”. Homens querem se sentir necessários. Só amados não serve.

Que encrenca que as feministas nos arranjaram. Estimularam o pensamento livre, a autoestima, a produtividade e a alegria de trilhar um caminho condizente com nosso potencial. De apêndices dos nossos pais e maridos, passamos a ter um nome próprio e uma vida própria, e acreditamos que isso seria excelente para todos os envolvidos, afinal, os sentimentos ficaram mais honestos, e com eles os relacionamentos. O amor deixou de ser o álibi para um lucrativo arranjo social. Passou a ser mais espontâneo, e as carências de homens e mulheres foram unificadas, já que todos precisam uns dos outros para dividir angústias, trocar carinho, pedir apoio, confessar fraquezas, unir forças no momento das dificuldades. Todos se precisam da mesma forma, não de formas distintas. Mas há quem defenda que homem só precisa de paparico e mulher de quem tome conta dela, ponto e basta.

Nunca imaginei que em 2010 ainda estaria escrevendo sobre isso. Achei que os homens já tivessem percebido o quanto ganham em ter uma mulher inteira a seu lado, e não um bibelô.

Acreditei que a competitividade tivesse dado lugar a um companheirismo mais saudável e excitante, onde todos pudessem se orgulhar dos seus avanços e se apoiar nas quedas, mas que iludida: isso é coisa pra meia dúzia de emancipadas, filha. Essas mulheres aí que não cozinham, não passam, não lavam, só evoluem, essas não são exemplo pra ninguém, são

umas coitadas de umas infelizes que pagam as contas e ainda se acham divertidas, se fazem de inteligentes, querem bater perna em Nova York, pois vão arder no fogo do inferno, vão amargar na solidão, vão se arrepender de ter lido aquela Simone de Beauvoir, vão morrer abraçadas aos seus laptops, aqui se faz, aqui se paga, escreve aí.

Tamo ferrada.

Como leitores proficientes, é muito provável que sejamos capazes de identificar o gênero do Texto 2. Reconhecemos a crônica como uma atividade cultural. Reconhecemos também o propósito para o qual é produzida; os (ou a possível sequência dos) estágios específicos que envolvem para que tal propósito seja atingido, bem como determinados agrupamentos linguísticos que realizam esses estágios.

De acordo com Zanella (2006 p.8) o mesmo processo dedutivo pode ser usado para descrever o contexto de situação do Texto 2. Com base em itens lexicais como “nós”, “mulheres”, “feministas”, “nossas filhas”, “independentes”, “trabalho”, é possível reconhecer o *campo*, ou seja, o assunto, o tópico abordado no texto: a vida da mulher no mundo moderno. Quanto ao *modo*, o papel da linguagem na interação, é possível dizer que é um texto escrito organizado em parágrafos, que defende um ponto de vista: ironicamente, a autora afirma que as mulheres arrumaram um grande problema em seus relacionamentos ao se tornarem independentes. A *relação*, por sua vez, diz respeito ao tipo de relação que há entre os interlocutores, aos papéis sociais assumidos pelos mesmos. Nesse caso, pode-se afirmar que estamos diante de uma mulher que escreve para seus pares, isto é, seus interlocutores são também mulheres. Isso fica claro com a utilização, por exemplo, da primeira pessoa do plural como visto em “Tamo ferrada”, última linha do texto.

A partir dessa breve descrição, torna-se possível perceber que o gênero pode ser concebido como um modelo geral que projeta propósito às interações e é adaptável aos muitos contextos de situação nos quais é usado (EGGINS, 1994, p. 32).

Na questão da organização semântica, nota-se que o texto representa linguisticamente uma experiência extralinguística, tanto no âmbito do mundo interior (percepções, sentimentos, emoções, pensamentos), quanto no mundo exterior. Isso torna-se claro, no texto 1, em trechos como “Que encrenca que as feministas nos

arranjaram” ou “Nunca imaginei que em 2010 ainda estaria escrevendo sobre isso. Achei que os homens já tivessem percebido o quanto ganham em ter uma mulher inteira a seu lado, e não um bibelô”.

Conforme Dutra,

Segundo Halliday (2004), uma característica fundamental da construção dos enunciados por meio língua é a noção de escolha. Cada enunciado produzido representa, simultaneamente, o resultado de escolhas feitas pelo falante no potencial de opções disponíveis na língua, para cada um dos três tipos de significado. (DUTRA, 2007, p.4301).

Ainda citando a autora,

Como no modelo sistêmico-funcional os significados linguísticos são uma realização da lexicogramática, e a unidade central e básica da lexicogramática é a frase, pode-se dizer que as metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual* do sistema semântico se manifestam simultaneamente na estrutura da frase, projetando-se uma sobre outra para produzir sentido.

Essas três dimensões (ideacional, interpessoal e textual) da estrutura semântica constroem a frase como *representação* – um processo da experiência humana –, como *troca* – uma negociação entre locutor e interlocutor – e como *mensagem* – uma determinada informação. (idem)

Isso quer dizer que, no exame da organização da interação, o que se leva em conta é que, por meio da linguagem, são estabelecidas e mantidas as relações humanas. Utilizamos a língua para falar sobre a nossa experiência de mundo, para descrever eventos, para interagir com as outras pessoas, bem como para influenciar o seu comportamento, além de expressar nossos pontos de vista e também solicitar a outras pessoas que expressem seus pontos de vista. A LSF parte do princípio de que as possibilidades de escolha dos falantes no sistema linguístico (semântico, léxico-gramatical, fonológico e fonético) não são aleatórias, estão condicionadas ao contexto e são importantes na criação de diferentes significados. A LSF teoriza sobre a língua como um processo social e como uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos, procurando explicar como os significados são construídos nas interações cotidianas.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional, a linguagem é um sistema sócio-semiótico, que veicula diferentes significados dependendo das intenções dos interlocutores, do lugar de que se fala, da situação de interação, do contexto onde se

dá o evento discursivo, entre outros aspectos. Por isso, Halliday (1976) afirma que todo texto possui uma configuração contextual que permite aos interlocutores reconhecerem as condições em que ele foi produzido (*campo de interação*), as relações que se estabelecem entre os interlocutores (*as relações*), e as estratégias linguísticas utilizadas na produção da linguagem (*modo*).

Portanto, ao analisarmos um texto, consideramos a organização funcional de sua estrutura e as escolhas que foram feitas em relação ao que poderia ter sido escolhido.

Para essa vertente funcionalista de estudos da linguagem, Halliday (1976) também assinala a importância das chamadas Metafunções, que constituem a estrutura interna da língua, a saber:

- (i) função *ideacional*, responsável pela representação ou construção dos conteúdos;
- (ii) função *interpessoal*, responsável pela interação entre usuários;
- (iii) função *textual*, responsável pela organização das informações.

Cada uma dessas metafunções manifesta-se por meio de um sistema que viabiliza a realização de seus significados. A metafunção ideacional é realizada pelo sistema da *transitividade*; já a metafunção interpessoal ocorre via sistema *modo* e a metafunção textual é evidenciada pelo sistema *temático*.

Apesar de afirmar que essas funções ocorrem simultaneamente nos usos linguísticos, a LSF prega que as línguas se estruturam em torno dos dois significados básicos correspondentes às duas primeiras funções, às quais, para a efetivação dos dois grandes propósitos da comunicação humana – entender o ambiente e influenciar seus interlocutores – a terceira se associa.

1.2.1 A metafunção ideacional e o sistema de transitividade

Segundo Halliday, as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. Aqui novamente a oração tem um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de processos. Nossa impressão mais poderosa da experiência é de

que ela consiste de 'eventos' – acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Todos esses eventos aparecem distintamente na gramática da oração.

Com vistas a cumprir o objetivo de nosso trabalho, focamos mais especificamente na função ideacional da linguagem e seu componente léxico-gramatical: o sistema de transitividade. Este é compreendido como a categoria léxico-gramatical relacionada à função ideacional, que codifica os conteúdos das experiências humanas, sejam as do mundo real, sejam as do interior da consciência. Esse sistema é, dessa forma, “a base oracional da organização semântica da experiência e denota um conjunto de orações com transitividades bastante diversificadas” (SOUZA e DIONÍSIO, 2006, p.3).

Os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons, palavras ou sentenças uns com outros, mas para construir significados (três simultâneos – os já mencionados: ideacional, interpessoal e textual) a fim de entender o mundo e o outro. A finalidade principal da língua é, portanto, semântica, para a LSF.

Essa fusão dos três significados é possível, diz Halliday (1976), porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto por meio das orações. É por isso que Halliday afirma ser a descrição gramatical essencial à análise do texto.

O sistema de transitividade constitui-se como recurso gramatical geral para representar ações e atividades, isto é, “constitui-se como recurso linguístico que dá conta de quem fez o quê a quem em que circunstâncias.” (GOUVEIA, 2009). Com base no sistema de transitividade, cada proposição consiste de três elementos: 1) processo, 2) participante(s) e 3) circunstância, que é de caráter opcional. O processo é representado por um grupo verbal e é a ação propriamente dita, ao passo que os participantes são, normalmente, representados por grupos nominais, os quais podem realizar a ação ou serem de alguma forma afetados por ela; já as circunstâncias são representadas por grupos adverbiais e sua função é adicionar informações ao processo. A natureza do participante pode variar de acordo com o tipo do processo selecionado, constituindo assim um centro experiencial de uma oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A oração, em sua função ideacional, exerce o papel de representar padrões de experiências. A transitividade permite identificar as ações e as atividades

humanas que estão sendo representadas nos textos. Além disso, também permite identificar qual realidade está sendo retratada e de que maneira, já que é pela linguagem que externamos as experiências que vivenciamos em relação aos objetos, às pessoas, aos estados e às condições existentes no mundo exterior e no mundo de nossa consciência, além de configurar, também, o mundo abstrato das relações de classificar e identificar.

Essa identificação ocorre por meio dos três elementos do sistema de transitividade: *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, os quais permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*.

Cada tipo de processo – *material*, *relacional*, *mental*, *verbal*, *comportamental* e *existencial* – estabelece seu próprio esquema de construir um domínio particular da experiência. Nessa construção dos conteúdos por meio do sistema de transitividade, portanto, três processos são tidos como principais: os *materiais*, os *mentais* e os *relacionais*; e três, como secundários: os *comportamentais*, os *verbais* e os *existenciais*.

1.2.2 Tipos de processos e seus principais participantes

Os *processos materiais* são aqueles por meio dos quais uma ação ou acontecimento se realiza, como nos casos em que estão presentes verbos como *brigar*, *detectar*, *escrever*, *lutar* etc. Seus principais participantes – elementos envolvidos com os processos – são *Ator*, *Meta*, *Extensão*, *Beneficiário*. Em “Mulheres ganham salários menores do que os dos homens” (Texto 1), o processo *ganham* é um acontecimento. Nesse caso, o **ator** “mulheres” é o participante que realiza a ação, o participante secundário **meta** “salários menores” é aquele ao qual o processo se estende e “do que dos homens” a circunstância envolvida no processo.

ATOR	PROCESSO MATERIAL	META	CIRCUNSTÂNCIA
Mulheres	Ganham	salários menores	do que os homens

Os *processos relacionais* estabelecem uma relação entre os participantes da oração, seja uma identificação, seja uma classificação. São geralmente realizados

pelos verbos **ser** e **estar** no presente ou passado simples. O terceiro tipo de processo relacional é o possessivo, que se configura pelo uso de verbos de posse como: ter, possuir, e compor.

Normalmente, as orações do processo relacional possibilitam a seguinte pergunta: que tipo de experiência está sendo construída? Esses processos classificam-se em:

- (i) *intensivo*, exemplificado por orações do tipo “x é a”;
- (ii) *circunstancial*, nas orações cuja estrutura geral é “x está em a”;
- (iii) *possessivo*, presente em orações como “x tem a”.

Os três processos mencionados podem ainda ser subdivididos em *atributivos* e *identificadores*. Nos *processos relacionais atributivos*, “a é atributo de x”. Já nos *relacionais identificadores*, “a é identidade de x”. Seus participantes são denominados de *portador* e *atributo* em orações que trazem uma classificação, como no exemplo: “Os homens ainda não estão preparados”, no qual o portador é “os homens” e o atributo é “preparados”;

PORTADOR	PROCESSO RELACIONAL IDENTIFICADOR	ATRIBUTO
Os homens	não estão	preparados

e *característica* e *valor*, em orações que trazem uma definição, como no exemplo: “ainda mais de um casamento que não era um inferno” (Texto 3), no qual o participante característica é “casamento” e o valor, “inferno”.

CARACTERÍSTICA	PROCESSO RELACIONAL	VALOR
Um casamento	[que não] era	um inferno

Os *processos mentais* externam experiências do mundo interior ou de nossa consciência, como aquelas presentes nos verbos *pensar*, *odiar*, *amar*, *saber* etc. Seus participantes são chamados de *experienciador* e *fenômeno*. O participante do

processo mental é geralmente um grupo nominal que denota um ser consciente e no qual as orações constroem emoções. São exemplos de processos mentais e seus participantes as orações: “[nós] Amamos os homens” (Texto 1) e “[filhas] esqueçam o investimento em viagens, teatro e livros” (Texto 2).

EXPERIENCIADOR	PROCESSO MENTAL	FENÔMENO
[nós]	Amamos	os homens
[filhas]	Esqueçam	o investimento em viagens, teatros e livros

Os *processos verbais* constroem um dizer, um apontar, um comunicar. Realizam-se em verbos como *dizer, mostrar, falar* etc. Esses processos são muito importantes em vários tipos de discurso. O participante é o *dizente*, e este contribui para a construção da narrativa, acompanhado ou não de aspas. No caso das crônicas analisadas, os processos verbais trazem em si, geralmente, a fala de outras mulheres, presentes no universo extralinguístico, que têm suas falas incorporadas ao texto para ilustrar determinadas opiniões. Seus participantes são denominados *dizente* e *verbiagem*. São exemplos de processos verbais “mas em casa digam só “ahã” (Texto 1) e “Ela me conta: naquele dia eu havia saído.” (texto 3)

DIZENTE	PROCESSO VERBAL	VERBIAGEM
(mulheres)	Digam	só ahã

DIZENTE	RECEPTOR	PROCESSO VERBAL	VERBIAGEM
Ela	Me	Conta	Naquele dia eu havia saído

As *orações comportamentais* são caracterizadas pelos comportamentos fisiológicos e psicológicos tipicamente humanos, como *sonhar, sorrir, chorar, respirar, focar* etc. e expressam um modo humano de comportar-se. São parte ação, parte sentir. Seus participantes são o *comportante* e o *behaviour*, termo ainda

não traduzido pelos sistemicistas do português. Temos exemplo desse tipo de processo na oração: “ela lamentando seu destino” (Texto 3)

COMPORTANTE	PROCESSO COMPORTAMENTAL	BEHAVIOUR
Ela	Lamentando	seu destino

Por fim, os processos *existenciais*, os quais representam algo que existe ou acontece e exigem apenas um participante, o Existente. Este processo representa algo que ‘existe’ ou ‘acontece’, especialmente em narrativas que servem para introduzir os participantes principais na orientação de seus posicionamentos e geralmente no início de um relato. Textualmente, o tema traz a característica de **existência** para permitir ao destinatário se preparar para algo que será introduzido ou apresentado como nova informação.

No português, são realizados pelos verbos *haver* e *existir*, como nas orações: “não haverá julgamento sumário” (texto 5) e “Mesmo havendo amor e desejo” (texto 5)

PROCESSO EXISTENCIAL	EXISTENTE
(não) Haverá	Julgamento sumário

PROCESSO EXISTENCIAL	EXISTENTE
Havendo	Amor e desejo

Eis um quadro resumitivo que sistematiza os tipos de processos com seus respectivos significados e participantes obrigatórios e opcionais:

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
----------	-------------	-------------------------------	----------------------------

Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificativo	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

QUADRO 1 (ROCHA, 2009, p.34)

2 AUTOAJUDA

1. *Autoajuda. [De aut (o) + ajuda] S.f. Método de aprimoramento pessoal em que o indivíduo pretende buscar, sem ajuda de outrem, soluções para problemas emocionais, superação de dificuldades, etc. (Novo Aurélio, p.234)*

2. 1 - *Prática que consiste em fazer uso dos próprios recursos mentais e morais para alcançar objetivos de ordem prática ou resolver dificuldades de âmbito psicológico. 2 – Conjunto de informações, orientações, conselhos que visam possibilitar essa prática.*

(Houaiss, Dicionário Eletrônico 2009).

Já faz algum tempo, notou-se que a evolução da sociedade fez os sujeitos se tornarem cada vez mais individualizados. Vivemos em um mundo no qual o caos do cotidiano rege as relações interpessoais. A extensa jornada de trabalho, o acúmulo de funções, a violência urbana, a busca incessante pelo sucesso, entre outros fatores têm sufocado cada vez mais a população, que tenta sobreviver em um mundo globalizado individualizado, que tem como verdadeiro “mal do século” o *stress* e a depressão.

Nesse espaço caótico, o homem moderno perde a orientação característica das sociedades tradicionais e passa a desenvolver em si um sentimento de individualidade. Mediante esse fato, cada qual busca sua própria orientação, o que gera nos indivíduos uma procura, em si mesmo, de forças interiores para se autoajudar. Isso quer dizer que o sujeito deixa de tentar encontrar felicidade e forças em algo externo a ele e tenta encontrar em si os recursos necessários para conduzir-se na vida, para que possa conseguir, a partir de suas forças interiores e vontade própria, alcançar seus objetivos, a realização pessoal e a felicidade.

A autoajuda não foi definida ou delimitada em termos de *gênero*, nem sabemos se isso ocorrerá um dia, mas verificamos a tentativa de abordar seu funcionamento por diferentes estudiosos de áreas distintas, como Denise Michelin – linguista –, pois sua presença é notável na sociedade contemporânea, podendo ser hoje considerada inerente a ela. A autoajuda está disponível em diversos formatos, tais quais palestras motivacionais, sítios eletrônicos, programas televisivos, crônicas em jornais e, principalmente, livros, sendo amplamente propagada por diferentes mídias. Também está voltada para diferentes públicos – mulheres, executivos, religiosos, casais – o que garante a ela uma abrangência que outros gêneros não possuem.

Talvez, por isso, possamos considerá-la mais no âmbito do domínio discursivo do que no âmbito dos gêneros propriamente ditos.

Adotamos, para a distinção entre domínio discursivo e gênero textual a visão de Marcuschi. Segundo o autor (2008, p.155), gêneros textuais seriam os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos definidos por “composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. Já o domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um método de classificação de textos. Indica, por isso, o que chamamos de *instâncias discursivas* (por exemplo, discurso jurídico, discurso religioso e – em nosso caso – discurso de autoajuda). O domínio discursivo, então, constitui uma “prática discursiva” na qual se pode identificar um conjunto de gêneros textuais que, algumas vezes, lhes são próprios ou específicos como “rotinas comunicativas institucionalizadas”. Dessa forma, não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados.

Especificamente na autoajuda voltada para o público feminino, notamos a presença de temas recorrentes, principalmente relacionados a conquistas afetivas. Percebemos que, ao examinarmos as escolhas gramaticais desses textos voltados para as mulheres, podemos trazer à tona algumas crenças e alguns valores subjacentes à mensagem que, embora codificados pela língua, podem passar despercebidos aos olhares menos atentos.

2.1 Contexto histórico

A individualização criou um sentimento pleno de isolamento, de um viver para si, fazendo a sociedade se tornar mais egocêntrica, em que cada um vive para si mesmo, colocando o conceito de indivíduo na dependência de um sistema terapêutico, pois todo esse processo causou um esvaziamento das regras morais e da vida em comum e, com essa confusão de valores, faltam-nos mecanismos de coordenação social para julgar nossas ações e determinar o valor das coisas.

De acordo com Aguiar (2009, p.15),

com o processo de desenvolvimento do individualismo moderno, o homem viu-se obrigado a tomar decisões para as quais não encontrava mais apoio no social. Isso criou uma angústia que o faz questionar: Quem sou eu? O que desejo? Como devo agir? O que é justo e o que não é?” Assim, o indivíduo passa a procurar em si mesmo as respostas para as suas questões. Quando o homem passa a questionar-se acerca de tudo o que pensava, sentia e fazia surge, então, nas organizações institucionais, a necessidade de desenvolver práticas que possibilitem lidar com sujeitos individuais.

Ainda de acordo com o autor,

em tempos remotos, os homens viviam limitados por aquilo que a cultura tradicional ditava como sistema de valores. Assim, o indivíduo via a si mesmo somente como parte integrante da comunidade e esse indivíduo da tradição existia somente em fusão com essa comunidade. Com a modernidade tem-se a ascensão do individualismo, o qual revela a tentativa de ruptura completa com as tradições, crenças e amarras que engessavam o desenvolvimento da sociedade. Quebrando esses preceitos, surge uma nova era, um novo estilo de vida, a busca da autonomia e da liberdade individual sob a orientação da razão, pois percebe-se que o sujeito moderno, gradativamente, substituiu a tradição e a religião pela racionalidade.

Na Antiguidade, os homens apoiavam-se naquilo que a própria cultura tradicional oferecia como sistema de valores referentes ao grupo. Vásquez (apud CHAGAS, 1999, p. 37) afirma

que o conceito de moralidade dessa época implicava numa regulamentação do comportamento de cada um, de acordo com os (sic) interesses da coletividade, sendo que nessa relação o indivíduo via a si mesmo somente como parte da comunidade [...]. Naquela época, não existiam propriamente qualidades morais pessoais, pois a moralidade do indivíduo, o que havia de bom, de digno de aprovação no seu comportamento (seu valor, sua atitude com respeito ao trabalho, sua solidariedade etc.) era qualidade de qualquer membro da tribo; o indivíduo existia somente em fusão com a comunidade, e não se concebia que pudesse ter interesses pessoais, exclusivos, que entrassem em choque com os coletivos.

De acordo com Aguiar (2009), a pluralização das formas de crença afetou esse indivíduo, uma vez que ele agora precisa ter suas crenças justificadas racionalmente. Além disso, essa mesma pluralidade deu ao homem a possibilidade de escolher seus deuses de acordo com a necessidade premente. É nesse contexto que surge o gênero da autoajuda, firmando-se como uma das ferramentas que possibilitam ao homem alcançar todas essas respostas sozinho.

O termo *autoajuda* foi cunhado pelo médico escocês Samuel Smile no momento em que se preconizava o culto ao indivíduo moderno, quando ele passa a ter um valor supremo e central na cultura do Ocidente. Em 1859, Smile escreveu “Self-Help”

(Ajude-se). O livro defendia que o homem é o agente ativo do seu próprio bem-estar e do seu êxito no mundo. Sua frase de abertura é: "*O Céu ajuda aqueles que ajudam a si mesmos*", uma variação de "*Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmos*", uma máxima frequentemente citada no *Poor Richard's Almanac* de Benjamin Franklin, ou mesmo uma variação do famoso ditado popular "Deus ajuda a quem cedo madruga." Percebemos aqui que, desde o início, a autoajuda lida com a argumentação com base no senso comum para atingir um número maior de interlocutores.

A obra foi publicada em mais de oito línguas e o termo passou a designar qualquer literatura que tivesse como objetivo criar em seus leitores a capacidade de acreditar em si mesmo e resolver qualquer problema de ordem prática sozinho.

Nessa perspectiva, a literatura de autoajuda foi o meio de resgatar um indivíduo consumista, que trabalhava somente para fazer ou quitar dívidas, perdendo a noção de caráter. Ao lado desse desenvolvimento de uma nova literatura, acreditava-se que a sociedade estava passando por um período de transição e as pessoas, se preparando para uma era do "você consegue", mas com um vazio moral e intelectual.

Segundo afirmam Lopes, Felizardo e Ranhel (2008), com o passar dos anos, o conceito de autoajuda sofreu diversas alterações, pois, além de um tipo de discurso e literatura, passou a ser uma tendência de comportamento. Seu objetivo deixou de ser a formação do caráter, passando a ser a mudança espiritual e psicológica que levaria o indivíduo ao sucesso e à realização pessoal.

Martelli resume, em seu trabalho "Autoajuda e o espírito de nossa época", o que seria a autoajuda. Segundo ela,

a autoajuda resume as seguintes ideias: a força do indivíduo vem de sua capacidade de exercitar o pensamento positivo; equilíbrio, bem-estar e paz interior são conquistas que dependem apenas da força de vontade do indivíduo; o universo é harmonioso, abundante e repleto de energias boas, cabendo ao indivíduo, portanto, a tarefa de tomar seu lugar e entrar em comunhão com essas boas energias; toda transformação que se queira realizar na vida depende, única e exclusivamente, da capacidade do indivíduo de conquistá-la; se as coisas não estão bem, é o indivíduo o culpado por não estar pensando e conduzindo sua vida de maneira correta; a realização e o sucesso, em qualquer assunto da vida cotidiana, requerem um indivíduo otimista, perseverante e crente de que conseguirá o que deseja; o indivíduo deve se aprimorar na capacidade de transformar os insucessos, as doenças, as decepções, em lições de vida, isso tudo, sem

contar com a ajuda de outros, mas apenas com sua força interior. É a mudança interior que faz com que o indivíduo veja o sentido de sua vida cotidiana, consiga vencer desafios e aprenda a lidar com as limitações que a vida lhe impõe. (2010, p.2)

Nessa perspectiva, é o indivíduo, portanto, o verdadeiro agente transformador. Ele é o possuidor da capacidade de mudar a si mesmo e o que está ao seu redor, e é essa mudança interior que o fará ver algum sentido em sua vida cotidiana, para que ele possa vencer os desafios que se lhe impõem e aprender, com isso, a lidar com suas próprias limitações. Ainda segundo a autora, a autoajuda não se resume a manuais ou livros. É um fenômeno maior, que penetra todas as esferas da vida moderna e por isso resume o que ela chama de “espírito de nossa época”.

A Revista Veja, em uma matéria sobre livros de autoajuda, declarou que, tradicionalmente, a autoajuda cumpre duas funções. “Uma delas é a de ser ‘alimento para a alma’. A outra é de ordem prática. As pessoas consomem esses manuais por encontrar neles uma forma de se reciclar profissionalmente e até suprir lacunas de formação”.

Ainda nessa reportagem, Veja define o que faz de um livro um bom representante da autoajuda. De acordo com ela,

os melhores autores se destacam por resumir em linguagem acessível teorias complexas. Uma outra parcela dos autores de autoajuda possui um dom não menos especial: o de sintetizar numa boa metáfora um sentimento que a maioria das pessoas não consegue articular. (VEJA, disponível em http://veja.abril.com.br/131102/p_114.html. Acesso em 02 de fevereiro de 2013)

Segundo Aguiar,

para Rüdiger (1996, p.18), os textos que pertencem a esse gênero estão divididos em duas categorias: os destinados ao desenvolvimento de capacidades objetivas: sucesso nos negócios, comunicação em público, manutenção do patrimônio; e os destinados ao desenvolvimento das capacidades subjetivas: autoestima, saber envelhecer, vencer a depressão, etc. Pode-se afirmar que tal gênero se projeta em todos os campos da vida – desde o sucesso pessoal e empresarial ao da saúde, passando pelo êxito nos relacionamentos interpessoais –, ao mesmo tempo em que apresenta tratados de crescimento pessoal para responder de maneira sistêmica às demandas pela autorrealização introduzidas pela modernidade. (AGUIAR, 2009, p.27)

O autor assume a autoajuda como um gênero. Para nós, entretanto, os textos-*corpus* aqui analisados e os demais que pertencem ao mesmo domínio

discursivo não se configuram como um gênero específico. Em nosso caso, trabalhamos com crônicas, que, a nosso ver, se caracterizam, em face das demais (jornalística, poética, política, esportiva etc.), pelo conteúdo que veiculam: autoajuda. Para nós, portanto, o termo “autoajuda” será considerado um domínio discursivo, tendo como base a análise proposta por Marcuschi, como veremos adiante.

Segundo Loli,

empiricamente, compreende-se como autoajuda a literatura que trata da busca pela felicidade, tomada como o grande objetivo da vida humana. Além da felicidade, outros sentimentos e comportamentos considerados positivos são abordados como uma questão de disposição pessoal, de se sentir bem, de acreditar em si mesmo e se programar mentalmente para isso. Assim, as vontades do indivíduo são a única preocupação e ele deve fazer de tudo para atingir seus objetivos e conseqüentemente, ser feliz. (LOLI, 2008, p.7)

Ainda de acordo com a Loli, “o termo autoajuda pode se referir a qualquer caso onde um indivíduo ou um grupo procura se aprimorar econômica, espiritual, intelectual ou emocionalmente.” (*op. cit.*, p.8). A autoajuda poderia ser classificada, nesse sentido, como um conjunto de práticas articuladas textualmente, que parte do princípio de que todos os seres humanos possuem uma força interior capaz de solucionar quaisquer problemas, os quais, apesar de serem gerados por fatores sociais, são apresentados como se fossem de natureza pessoal.

2.2 Público-alvo

A autoajuda abrange um público específico: os que passam por conflitos pessoais, profissionais e psicológicos. Como nos dias atuais percebe-se o aumento desses tipos de conflito na sociedade, ela passou a ser considerada uma leitura para a massa. O leitor, ao recorrer a esse tipo de discurso, encontra uma espécie de porto-seguro, um contraponto para a insegurança que sente. Podemos constatar isso com facilidade ao observarmos com mais cuidado as revistas e livros de autoajuda voltados para o público feminino. A maioria dos títulos (tais quais *Pense como uma dama, aja como um homem; Mulheres inteligentes, relacionamentos inteligentes, A mulher Virtuosa, Os homens gostam das mulheres poderosas*) são voltados, essencialmente, para a mulher moderna, que trabalha fora, mas que está

em conflito interno por estar sozinha, ou por não estar conseguindo conciliar o trabalho e a família. Procuram incentivar a mulher a amar-se mais e a ver-se como “poderosa” ao mesmo tempo em que corroboram a visão de que ela precisa ter um relacionamento afetivo estável para ser feliz, além de darem “dicas” de como ela pode conseguir esse mesmo relacionamento.

Tamanini-Adames e Pires (2008, p.3) afirmam, em seu trabalho sobre o gênero *carta ao leitor* nas revistas femininas que “um gênero discursivo está sempre ligado a uma situação no mundo social.” Afirmam também que “aquele que tem o poder de representar, no caso o discurso midiático, tem o poder de definir e determinar a identidade”.

A função do discurso de autoajuda é, nesse sentido, orientar e incentivar o indivíduo contemporâneo, pois ele está sem respostas e repleto de perguntas. Esse discurso transforma, de acordo com Chagas (1999, p.32), “a incerteza de base em preciosa autossegurança”. O homem precisa então de respostas e aprende a buscar em si mesmo essas respostas, como ter fé em si, como resolver seus problemas e encontrar a felicidade sozinho, a partir de si próprio.

De acordo com Aguiar, em seu estudo sobre os aspectos retóricos e discursivos da autoajuda em revistas femininas,

nesse tipo de vida, em que o indivíduo, apesar da turbulência do cotidiano, tem que dar conta dele mesmo; e em que as transformações ocorrem desenfreadamente, sem dar avisos, cria-se uma atmosfera em que a qualquer momento fatos estarrecedores podem acontecer. Por isso o homem moderno deve estar preparado para adaptar-se às modificações que estão por vir. E é essa capacidade de adaptação que é a tônica da contemporaneidade para os pregadores da autoajuda. Assim, o homem vê-se forçado a se autoaperfeiçoar, intensificando suas habilidades e poderes. (AGUIAR, 2009, p.24)

Para Lopes, Felizardo e Ranhel (2008), atualmente, uma das principais causas que faz o indivíduo buscar esse tipo de discurso é sua infelicidade e insatisfação com o meio em que se encontra. Podemos dizer que a sociedade hoje tem os parâmetros em que *ter* é mais importante que *ser*. Ter um corpo perfeito, ser bonito, ter o carro do ano, andar na moda, entre outros, são contextos em que o indivíduo precisa se inserir para ser aceito de forma positiva na sociedade. Quando isso não ocorre, este se sente inferiorizado e necessitado de algo que o conforte,

podendo ser uma das opções recorrer à autoajuda. Se olharmos mais atentamente as crônicas de Martha Medeiros voltadas especificamente para o público feminino, o que ocorre é semelhante. A autora, para ajudar suas leitoras – e para convencê-las – tenta desmistificar alguns parâmetros de beleza, por exemplo, afirmando que nossa sociedade é pautada em valores líquidos, como aponta Bauman (2011) em grande parte de suas obras, e que elas podem – e conseguem – ser melhores que isso.

A autora também fala de relacionamentos amorosos, mostrando toda sua fragilidade e, ao mesmo tempo, assegurando que todas as mulheres já passaram por situações semelhantes na vida. Isso ajuda a estabelecer um vínculo entre interlocutoras e autora, facilitando, dessa forma, a persuasão.

2.3 Características

Em linhas gerais, a autoajuda apresenta um conteúdo convincente, por meio do qual propõe dotar o seu leitor de objetos-valor, configurados como conhecimentos com finalidade prática. É, em essência, um texto argumentativo, já que, pela natureza dos fins a que serve, tem como objetivo conseguir a adesão do público leitor à tese do locutor.

A argumentação desenvolve-se em função de um destinatário, que influencia direta ou indiretamente a forma como evoluem os argumentos propostos. Argumentamos para persuadir alguém que, a princípio, não partilha os mesmos pontos de vista ou as mesmas convicções que nós temos. Sem ferir a atenção do destinatário da argumentação, isto é, sem fazer com que o interlocutor tenha a sua atenção voltada para o assunto tratado, a persuasão provavelmente não será efetiva.

Por meio da análise dos textos de Martha Medeiros, o *corpus* desse trabalho, pretende-se descobrir as nuances da linguagem de suas crônicas que apresentam em sua essência traços do discurso de autoajuda os quais as tornam tão sedutoras, fazendo-as envolver, provavelmente, pessoas de diferentes classes socioeconômicas, que as adotam como verdadeiros “manuais para uma vida melhor”.

Percebe-se que a sedução da autoajuda apoia-se em seu discurso, o qual leva o indivíduo a criar uma “fantasia” em que ele mesmo é o objeto idealizado, pois acredita encontrar o que deseja e, finalmente, conseguir felicidade, realização e liberdade.

A estrutura composicional dos textos de autoajuda é, como dissemos, essencialmente argumentativa. Neles, as formas de argumentação permitem inferir que são discursos da realidade – pragmáticos e, de certa forma, garantidos por testemunhos de autoridade. No caso das crônicas de Martha Medeiros, tal autoridade é construída pelo testemunho de vida que a própria autora dá em seus textos. É a partir deles que ela inicia um diálogo com suas leitoras, como podemos observar em:

A excepcional Adélia Prado certa vez escreveu num poema: “Ser bonita e jovem — um dos desejos mais fundos da minha alma”. (Texto 4)

Nesse trecho, as leitoras percebem que a autora comunga do mesmo desejo que tem Adélia Prado. Ou em:

Marília Gabriela já disse algo como: “Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente? Eu quero é ser gostosa!”. Ah, só uma mulher — inteligente, claro — pra entender que Gabi tem toda a razão. (Texto 4)

É possível salientar a ênfase que é dada à complexidade da vida contemporânea, a partir da discussão de histórias comuns, em que se observa a expressividade da autora. Tal estratégia – a discussão de histórias comuns – torna o texto de autoajuda um mosaico de frases já ditas por outrem, e permite que um número maior de pessoas possa se identificar com o que lê.

Segundo afirmam Lopes, Felizardo e Ranhel,

A primeira característica desse discurso [de autoajuda] é a presença de termos, palavras ou expressões de otimismo, que abrangem os seguintes léxicos: sucesso, felicidade, paixão, riqueza, dinheiro, bens, alegria, realização etc. Uma das principais é a palavra *poder*, que, de acordo com Brunelli (2004) tem seu significado apoiado na ideia de que cada indivíduo tem o *poder* de atrair coisas boas ou ruins, de acordo com a atitude mental e que, portanto, pode também alterar aspectos da vida dos que não estão satisfeitos. O discurso de autoajuda é baseado em uma *pregação*, porque prega que os leitores acreditem no próprio potencial para mudar de vida,

como uma condição para que esses desejos sejam realizados. (LOPES;FELIZARDÓ;RUNHEL 2008 p.25)

Podemos perceber um exemplo desse discurso na crônica “Sisters” (texto 1). Observemos um de seus trechos:

Amigas, filhas, avós, netas, irmãs, cunhadas, tias, primas. Somos mais chatas do que os homens, porém, entre uma chatice e outra, somos extremamente solidárias e companheiras de farras e roubadas. Esquecemos com facilidade as alfinetadas da vida e temos sempre uma boa dica para passar adiante, seja a de um filme imperdível, de uma loja barateira ou de uma receita para esquecer da dieta. Competitivas? Talvez, mas isso não corrompe em nada a nossa predisposição para o afeto, a nossa compreensão dos medos que são comuns a todas, a longevidade dos nossos pactos, o nosso abraço na hora da dor, a nossa delicadeza em momentos difíceis, a nossa humildade para reconhecer quando erramos e a nossa natureza de leoas, capazes de defender não só nossos filhotes, mas os filhotes de todo o bando.

Aprendemos a compartilhar nossas virtudes e pecados e temos uma capacidade infinita para o perdão. Somos meigas e enérgicas ao mesmo tempo, o que perturba e fascina os que nos rodeiam. Brigamos muito, é verdade: temos unhas compridas não por acaso. Em compensação, nascemos com o dom de detectar o sagrado das pequenas coisas, e é por isso que uma amizade iniciada na escola pode completar bodas de ouro e uma empatia inesperada pode estimular confidências nunca feitas. Amamos os homens, mas casadas, mesmo, somos umas com as outras.

Podemos notar, no trecho anterior, a caracterização da mulher como sendo alguém de personalidade forte e, de fato, alguém necessário à manutenção da sociedade. Ao descrever o comportamento das mulheres e elencar suas características, percebemos um discurso voltado para aumentar a autoestima do público feminino, tal qual as falas presentes no discurso de autoajuda.

O uso da linguagem, então, será determinado pelo tipo de papel social que desempenhamos numa dada situação. De acordo com Eggins (1994), existem dois tipos de situação: a formal e a informal. Para a autora, uma situação informal envolve pessoas que estejam no mesmo patamar hierárquico, ou seja, que tenham igual poder e que estejam envolvidas afetivamente. Já uma situação formal apresentaria níveis desiguais de poder, com baixo envolvimento afetivo.

Conforme Andrade & Taveira, “numa conversa de amigos, tendemos a utilizar palavras que expressam nossa atitude, como uma avaliação positiva ou negativa.” (2009, p.51). Já em uma situação formal, tendemos a manter nossas atitudes para nós mesmos ou expressá-las em uma linguagem aparentemente objetiva.

É interessante notar que os textos de autoajuda tendem a criar uma atmosfera de cumplicidade com o leitor, utilizando, por isso, a linguagem de uma maneira menos formal e muito mais próxima de seu público-alvo. Dessa maneira, os autores não se preocupam em não expressar o que pensam, ao contrário: utilizam a língua como maneira de se aproximar do leitor e fazer com que ele passe a concordar, sem discussões, com o que veiculam em seus textos.

Caso semelhante ocorre com as crônicas de Martha Medeiros aqui analisadas. Em todas elas, a autora torna-se confidente, cúmplice de suas leitoras ao dizer o que pensa. E mais, ao relatar fatos ocorridos em sua vida, como forma de “acarinhar” aquelas que leem seus textos, mostrando que também ela, por ser mulher, sofre, sente, se alegra pelos mesmos motivos de suas leitoras.

3 A CRÔNICA

Apesar de muito explorada nas investigações acadêmicas, ainda há muita discussão em torno da caracterização da crônica como um gênero textual. Segundo Oliveira,

a palavra “crônica” tem origem grega, vem de *chronos*, que sugere uma noção de tempo e memória e, portanto, mantém íntima relação com o passado. Ao relatar acontecimentos vividos, o cronista, que viveu o período anterior à História enquanto [sic] ciência, encarregava-se de narrar fatos sucedidos sem, no entanto, preocupar-se com a racionalidade dos cientistas que lhe sucederam. O cronista medieval, por exemplo, valia-se dos acontecimentos históricos e organizava-os seguindo uma linha cronológica. (OLIVEIRA, 2010, p.201)

A crônica firma-se como espaço heterogêneo em que convivem, por exemplo, o pequeno ensaio, o conto ou o poema em prosa. Sua identidade resulta também dessa diferença. De acordo com Paulo Eduardo de Freitas,

a caracterização da crônica como espaço heterogêneo pode ser vista, então, como decorrente da variedade de tipos em que pode ser escrita: poema-em-prosa, que apresenta conteúdo lírico; comentário, no qual se apreciam os acontecimentos, acumulando assuntos diferentes; crônica metafísica, que promove reflexões de conteúdo filosófico; crônica narrativa, que tem por eixo uma história ou episódio; crônica-informação, que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. (FREITAS, 2004, p.176)

A crônica trilhou um longo caminho até se firmar como gênero literário, ainda que dado como um “gênero menor”, como observa Antonio Candido. Isso ocorreria porque, segundo o autor, não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas “que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas.” Ainda de acordo com ele, também não seria possível atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, mesmo que ele fosse um excelente escritor. “Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. ‘Graças a Deus’, — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.” (CANDIDO, 1981, p. 5).

Freitas (2004, p.174) aponta que a palavra “crônica” e suas variantes *chronica*, *caronica*, *cronicão* e *cronicon* estão etimologicamente ligadas ao termo *Chronos*, o deus da mitologia grega que representa o tempo. A partir de sua transposição para o latim (de *Chronos* para *Saturnus*, ou seja, “saturado de anos”), o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos. Assim, a crônica

assume o papel de registro da realidade social das comunidades humanas. Dessa forma, a crônica pode ser considerada uma forma preliminar da historiografia moderna. A partir do momento em que passou a circular em jornais, a crônica começou a ilustrar as incertezas, angústias e as inquietações do homem “num ambiente urbano que refletia os sintomas de uma sociedade capitalista, seduzida pelo consumo e pela fugacidade da vida moderna.” (OLIVEIRA, 2010, p. 201).

Carlos Drummond de Andrade caracteriza, de forma valiosa, a relação entre a crônica e o jornal. Segundo ele,

A crônica é fruto do jornal, onde aparece entre notícias efêmeras. Trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece (...). Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista costuma escrever pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto, estabelecendo uma atmosfera de intimidade com o leitor (Andrade, 1999, p. 13).

É importante salientar, contudo, que as crônicas não mais circulam exclusivamente nos jornais, porque apesar de ter sido criada para ser veiculada no e para o jornal, “a crônica não respira os mesmos ares de objetividade comuns ao discurso jornalístico” (FREITAS 2004, p.176), o que a leva a um novo suporte: o livro. Algumas crônicas, ao serem reunidas em livros, perdem o caráter fugaz. Dessa forma, a relação autor/leitor também é modificada. Considera-se, então, a importância de tal processo em sua relação com a questão da leitura desse gênero.

Lembre-mos aqui de que as características iniciais da crônica se mantiveram ao longo dos anos, como seu caráter informal e subjetivo, tornando-a, portanto, um excelente meio para a propagação da autoajuda, visto que, para que o autor consiga ter a adesão de seu leitor nesse tipo de texto, ele precisa criar uma atmosfera de cumplicidade, principalmente pela utilização de uma linguagem mais coloquial e acessível a uma gama maior de pessoas. Ao lado disso, a crônica continua sendo veiculada em jornais e revistas, motivando novas formas de leitura. Trata-se do fato de que o advento de novas tecnologias facilita a interação com o leitor, que passa a integrar o processo de enunciação, dialogando diretamente com

o autor e com os outros leitores, como ocorre com as crônicas analisadas no *corpus* desse trabalho.

O coloquialismo, portanto, deixa de ser somente a manifestação da variedade de língua característica de situações informais de comunicação, comuns no dia a dia, para configurar-se como o resultado da elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata: a persuasão. Podemos observar esse efeito de maneira bastante clara nos textos de Martha Medeiros, como se vê nestes exemplos:

1) “Não que estejamos com a vida ganha, mas creio que as mulheres já mostraram a que vieram.” (texto 1);

2) “Mas não vou utilizar o 8 de Março para colocar mais água no chororô habitual.” (texto 1);

3) “Beleza. O que vamos dizer para nossas filhas? Estudem, mas fazer doutorado e mestrado é exagero, antes um bom curso de culinária.” (Texto 2)

4) “Que encrenca que as feministas nos arranjaram. (...)Tamo ferrada”. (Texto 2)

5) “Passa dias com olheiras e inchaços de tanto chorar. Deprê em estágio avançado.” (Texto 3);

6) “Ela vai entupida de ansiolíticos (...)” (Texto 3);

7) “Podem não ser umas deusas” (Texto 4);

8) “alguma coisa ela tem que agrada” (Texto 4);

9) “Condição de entrega é dar um triplo mortal intuindo que há uma rede lá embaixo”. (Texto 5);

10)“O casal se gosta tanto, o que os impede de manter uma relação estável, divertida e sem tanta neura?” (Texto 5).

Como afirmar, nesse sentido, que uma crônica possa veicular um discurso de “autoajuda”?

3.1 Crônica e autoajuda

Os gêneros, segundo a perspectiva sistêmico-funcional, são definidos em termos do seu propósito social (Eggins e Martin, 2000), isto é, implicam o uso da linguagem para a realização de atividades culturalmente estabelecidas. As diferenças de propósitos, motivadas pelo contexto sociocultural, são refletidas na estrutura dos textos, que apresentam padrões de linguagem típicos para cada gênero. A estrutura linguística dos textos codifica os significados do contexto imediato cujas categorias – campo, relação e modo – descrevem a variação dos textos em termos funcionais.

Para classificar um gênero é necessário, entre outros critérios, verificar seu objetivo e finalidade, bem como os tipos de sequência textual nele predominantes. Por sequência textual podemos entender a forma como as frases e os parágrafos de um texto se organizam linguisticamente para melhor cumprir uma função discursiva.

É muito raro, senão impossível haver textos “puros” no que diz respeito às sequências textuais. Há um predomínio de uma sequência em relação a outras que entram na composição de um gênero. De acordo com Marcuschi (2008, p.154) podemos dar conta de alguns modelos de sequências tipológicas: a descritiva, a narrativa, a injuntiva, a expositiva e a argumentativa. É possível encontrar em um mesmo texto, por exemplo, argumentação, injunção e narração, mas alguns traços são marcantes em cada um desses tipos.

O texto em que predomina a sequência argumentativa, devido à natureza do tema tratado e a sua função social, procura convencer ou persuadir, influenciando ouvintes ou leitores para a adesão a determinados pontos de vista. A estrutura argumentativa propriamente dita requer, entre outras características, relação entre

argumentos e uma conclusão; algumas marcas gramaticais, como o verbo *ser* e verbos que relacionam causa e efeito como *causar*, *originar* e *motivar*, o uso do tempo presente do verbo, por exemplo. Como marcas de coesão e coerência, o texto argumentativo requer ordenação dos argumentos e conexão entre eles.

Partindo da tese do primado do interdiscurso, Maingueneau concebe o discurso como um "sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação" (1984, p. 9), estabelecendo, para a sua apreensão, um método de análise que se revela como um "sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro" (*ibid.*, p. 30). Segundo o autor,

qualquer leitor ou ouvinte um pouco atento percebe muito bem que a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de proposições, que ela depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais. (*ibid.*, p. 7-8)

Ao lermos alguns textos informalmente classificados como sendo de autoajuda, notamos que existem enunciados que em muito se aproximam dos provérbios. A maior virtude do provérbio, do ponto de vista da argumentação, é que, se empregado no contexto adequado, é um enunciado irrefutável, pois constitui uma ideia estabelecida pelo senso comum, admitida de longa data como verdadeira e, assim, preexistente à argumentação do locutor particular que o emprega numa situação específica (ROCHA, 1995).

Para que o provérbio não perca sua ideia de verdade absoluta e seu caráter de argumento de autoridade, é preciso ser reconhecido e compartilhado por seus interlocutores, que devem ser capazes de desvendar os implícitos nele contidos para revelar seu sentido. A título de exemplo, podemos citar ditados como "água mole em pedra dura tanto bate até que fura" ou "em terra de cego, quem tem um olho é rei". Os dois ditados carregam mensagens implícitas, que dependem da correta interpretação dos interlocutores para cumprirem seu objetivo comunicativo. Se tomados ao pé da letra, não fazem sentido.

Os provérbios são compreendidos globalmente mesmo que muitas vezes eles possam ser mal interpretados. Isso pode ocorrer com quem ignora os sentidos pré-estabelecidos subjacentes à mensagem proverbial, já que, normalmente, seu

sentido total nada tem a ver com a soma dos significados de suas partes, como pudemos ver nos exemplos que citamos.

Quando lemos textos que se caracterizam como o que chamamos de discurso de autoajuda, notamos que muitos dos conselhos e admoestações ali presentes foram inspirados em ditados populares. Percebe-se, nesses casos, que o autor desse tipo texto trabalha com essas verdades pré-estabelecidas e as utiliza para convencer o público-alvo, sem dar espaço para discussões acerca do tema, na medida em que se apoia em princípios anteriormente admitidos, consagrados pela cultura popular.

Claro exemplo desse fato ocorre no trecho a seguir, retirado do Texto 1 de nosso *corpus*:

Como todos os filmes que abordam a amizade e a solidão intrínseca de toda mulher, *Caramelo* nos consola valorizando o que temos de melhor: a nossa paixão, a nossa bravura ("sou mais macho que muito homem") e o bom humor permanente, mesmo diante de tristezas profundas.

A própria autora faz menção à fala popular em “sou mais macho que muito homem” para exemplificar o tamanho da bravura que têm as mulheres.

Toda argumentação pressupõe, portanto, um ajustamento às características do seu destinatário último. Se o auditório for composto por pessoas com uma formação cultural e literária geral e não especializada, a melhor estratégia de comunicação será a de recorrer a lugares-comuns, que possam ser reconhecidos por todos. O senso comum, nessa situação, é mais importante do que o alarde de erudição sem eco. Martha Medeiros, ao falar de temas como amor, realização afetiva e profissional, entre outros temas tão comuns a nós, mulheres, cria uma atmosfera favorável à adesão das interlocutoras que leem as revistas Seu público-alvo, apesar de feminino, é heterogêneo. Ao apelar para argumentos de valor universal (o bem, a justiça, a liberdade, a fé) que todos facilmente aceitam em qualquer argumentação, constrói-se um ambiente propício para o convencimento

dos interlocutores, sem espaço para refutações, o que pudemos perceber nas crônicas aqui analisadas.

Os significados referem-se à estrutura da língua concreta em questão. Os significados, em outras palavras, derivariam de sinais puramente linguísticos e deveriam ser pesquisados unicamente no contexto do código do qual fazem parte. Dado que a visão de mundo de uma cultura é expressa a partir de uma linguagem natural, assim como pela quantidade de palavras existentes naquela língua e pela divisão dos sememas¹ expressos entre as palavras que podem exprimi-los, não tem sentido, por exemplo, procurar o significado de uma palavra na palavra de uma outra língua e de uma outra cultura. Cada palavra teria um significado relativamente preciso somente dentro do código linguístico da própria língua.

Como sabemos, modificando-se o contexto cultural, modifica-se também a rede semiótica de referência, e muda-se, portanto – ou pelo menos pode mudar – o sentido daquilo que é dito. Podemos, então, definir deste modo a distinção entre sentido e significado: o sentido é o valor que assume uma certa designação dentro de uma cultura específica. Para Vigotsky,

o significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – união da palavra e do pensamento. (VYGOTSKY, 1996: p. 104)

Assim como as palavras estão sujeitas às modificações sofridas pelo ambiente social e pelas pessoas, o sentido se altera conforme se dão as relações, as evoluções no grupo social. Os sentidos são elaborações ainda inconstantes que buscam estabilizar-se. Por isso, o significado é uma das possibilidades de sentido para uma expressão ou palavra na fala. O significado é, assim, estabilizado, o sentido busca estabilizar-se. Diferenciando sentido e significado, Vygotsky então afirma:

¹ De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, semema seria a unidade semântica que tem por correspondente formal o lexema, consistindo do feixe de semas que compõem o significado de um vocábulo.

[há] o predomínio do sentido de uma palavra sobre seu significado – uma distinção que devemos a Paulhan. Segundo ele, «o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas da fala» (1996, p. 125).

Os provérbios são textos cristalizados pela comunidade, evidenciando uma “citação de autoridade”, têm em vista o fato de serem enunciados conhecidos por uma coletividade e, não poderem ser abreviados, nem reformulados sem perderem seu sentido inicial, pois constituem a própria palavra em sua fonte. Citemos como exemplo o provérbio “A justiça de Deus tarda, mas não falha”. Além de encerrar uma admoestação, há a figura de Deus como autoridade, que denota valores de verdade, expressando a voz do povo, manifestando a sabedoria popular presente em determinado meio social.

Segundo Magioli, em seu trabalho sobre os topoi argumentativos nos provérbios,

os enunciados proverbiais constituem um tipo de gênero discursivo, formado, em sua maioria, por estruturas curtas e binárias, o que facilita a memorização, pois possuem, além da estabilidade temporal, rimas, figuras de linguagem e simetria sintático-semântica. (MAGIOLI, disponível em <http://www.filologia.org.br/revista/36/11.htm>)

Como afirma Maingueneau em seu “Dicionário de Análise do Discurso” (2004), “os provérbios permanecem estáveis através dos tempos”, “sendo interpretáveis fora de qualquer contexto singular”. É interessante notar, no entanto, que, como aponta Dahlet (*apud* ROCHA, 1995), “o provérbio, em suma, se não for compreendido em bloco, será mal compreendido.” Semanticamente, o provérbio “deve encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho”, segundo M. Steiberg (*apud* ROCHA, 1995, p.10). Tomando tal afirmação como base, podemos então afirmar que, do ponto de vista semântico, toda a autoajuda é proverbial, pois tem como objetivo dotar o leitor de estratégias que sejam úteis para a resolução de seus problemas.

Lembre-mo-nos aqui de que as características iniciais da crônica se mantiveram ao longo dos anos, como seu caráter informal e subjetivo, tornando-a, portanto, um excelente meio para a propagação do discurso de autoajuda, visto que, para que o autor consiga ter a adesão de seu leitor nesse tipo de texto, ele precisa criar uma atmosfera de cumplicidade, principalmente pela utilização de uma linguagem mais coloquial e acessível a uma gama maior de pessoas.

Nesse sentido, toda crônica que apresentar tais características – um discurso que encerra um conselho e uma admoestação, que contém uma mensagem direcionada a “levantar” a autoestima, uma aproximação do autor com os problemas de seu interlocutor e uma fala com intenções persuasivas – poderá ser enquadrada no que chamaremos aqui de “discurso de autoajuda”, como pode notar-se no trecho “Do que se conclui: de onde muito se espera – boates, festas, bares, - é que não surge nada. O amor prefere se aproximar dos distraídos.”

4 METODOLOGIA

Para melhor entendimento de como o discurso de autoajuda é veiculado nas crônicas, apresentam-se as análises de cada processo verbal do sistema de transitividade e suas entradas léxico-gramaticais para tal representação. Sendo assim, inicia-se o exame dos processos por aqueles que obtiveram mais ocorrências nos textos analisados.

Antes de iniciarmos nossa análise, observando os processos que compõem o sistema de transitividade dos textos, é preciso fazer algumas ressalvas. De acordo com Perez,

as definições dos processos são baseadas no contexto, ou seja, na função que o processo está exercendo no determinado contexto da canção, seguindo o proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional. Sendo assim, os mesmos processos podem ser classificados de mais de uma forma, dependendo da aplicação. É o caso do processo “ver”, que tanto pode ser comportamental, se relativo ao ato de enxergar, como pode ser mental, se for utilizado no sentido de perceber, notar. (PEREZ, 2012, p.51)

Sendo assim, ao mapearmos os tipos de processos ocorrentes nas crônicas de Martha Madeiros, levamos em consideração o contexto em que se encontram e a mensagem que seus conteúdos encerram no texto.

Analisar a oração pelo seu sistema de transitividade na perspectiva da LSF é analisar as relações que se estabelecem entre os elementos linguísticos para dar conta de representar as atividades humanas realizadas em uma situação de interação. Por isso afirma-se que a oração é uma instância de representação da realidade. Sendo assim, pode-se afirmar que as escolhas léxico-gramaticais que fazemos representam nossa visão de mundo e têm significados. Analisar a ocorrência de processos e seus participantes em textos, ou seja, analisar o sistema de transitividade de um texto nos auxilia, então, a compreender a visão de mundo que seu discurso constrói.

Pretendemos caracterizar, por meio da análise do sistema de transitividade, que o discurso veiculado em nossos textos-*corpus* é um discurso semelhante ao que pode ser encontrado em livros de autoajuda voltados para o público feminino especificamente, com temas pertencentes ao universo da “mulher madura moderna”, a saber: relacionamentos afetivos – que fogem da tradição do casamento, nos textos

de Martha -, vida social e familiar e – algumas poucas vezes – trabalho. Trata-se de um tipo de texto que ocupa um lugar social específico e bem delineado.

Apesar de não termos notícia de já ter sido empregada, na literatura da área, a nomenclatura “crônica de autoajuda”, utilizamo-la na intenção de construir uma confluência entre os aspectos formais do gênero *crônica* e os objetivos comunicativos que sua autora busca atingir: criar uma atmosfera de cumplicidade entre ela e seu público-alvo, convencendo as mulheres sobre seu papel na sociedade, utilizando temas que concernem ao universo feminino e promovem uma identificação entre autor e interlocutor. É interessante notar que mesmo afirmando o valor das mulheres em todas as suas crônicas, em algumas Martha Medeiros corrobora – mesmo sem intenção, acreditamos – a visão estereotipada do mundo feminino ao utilizar temas (e uma linguagem) que não pertencem ao universo masculino.

Não é nossa intenção criar uma nomenclatura que venha a classificar um gênero “novo”, mas sinalizar que há, hoje, uma produção de crônicas voltada para um público específico, no caso, as mulheres, que visa a atingir um objetivo comunicativo também específico: criar nas mulheres uma identificação como grupo de características definidas e modificar seu comportamento, principalmente, em relação aos homens e suas relações afetivas. Tal configuração nos obriga a diferenciá-las de outros tipos de crônica, uma vez que a temática é bem específica (como dito anteriormente) e que a autoajuda tem-se tornado um discurso bastante veiculado em nossa sociedade.

A análise da crônica “A mulher feia” (texto 4) é agora apresentada com o objetivo de demonstrar como este estudo foi conduzido, para esclarecer qual o caminho aqui adotado e para descrever sua configuração temático-estrutural, tendo em vista os objetivos deste trabalho. Com base no levantamento dos processos que foram selecionados pela autora, é possível tirar conclusões acerca dos sentidos construídos a partir da organização da lexicogramática.

Os procedimentos aqui descritos foram aplicados às cinco crônicas, textos *corpus* de nossa pesquisa, e os dados gerados estão apresentados em forma de tabela na sessão intitulada “Análise dos dados”.

Texto 4

A mulher feia

Martha Medeiros

Não sou de gargalhar alto enquanto leio um livro, mesmo que esteja achando a maior graça. Sorrio por dentro. Uma das raras vezes em que me peguei rindo ruidosamente foi quando li “A mulher que escreveu a Bíblia”, de Moacyr Scliar. A narradora é uma mulher que se olha pela primeira vez num espelho aos 18 anos e descobre que é feia. Feia não: medonha, asquerosa, repugnante. Mas boa de corpo e inteligentíssima, e é deste cérebro privilegiado criado por Scliar que sairão as tiradas impagáveis deste romance lançado em 1999.

Pois agora é a vez de Claudia Tajes lançar “A vida sexual da mulher feia”, um livro protagonizado por uma mulher de rosto inclassificável e com o agravante de ter um corpo repulsivo. Jucianara — que não é boba e atende por Ju — nos conta sobre sua infância, adolescência e a dificuldade de arranjar namorado por causa dos atributos estéticos que lhe foram negados. É isso o livro, sem maiores pretensões, mas pelo menos em duas ocasiões, durante a leitura, eu tive que enxugar as lágrimas. Literalmente, chorei de rir.

O Brasil é um país de mulheres bonitas. Podem não ser umas deusas, mas cada mulher tem algum atrativo: boas pernas, um olhar penetrante, um sorriso sedutor — alguma coisa ela tem que agrada. Mas adianta ter alguma coisa? Pouco. A pressão para ser linda é tanta que a gente acaba desvalorizando nossos autênticos atributos. Algumas chegam ao exagero de comprar na clínica da esquina o que lhes falta: peitos, boca, cabelo. Por quê? Porque elas se cobram desumanamente. Comparam-se com o que veem nas revistas e se acham feias. Ou são traumatizadas por terem sido feias um dia. Quem já não foi gordinha, quem já não foi desengonçada, quem já não se sentiu o ó do borogodó numa festa, quem? É comum top models revelarem que, na época da escola, eram chamadas de tábua, magrela, estrupício. A feiura ronda a todas, ao menos em alguma etapa da vida.

A excepcional Adélia Prado certa vez escreveu num poema: “Ser bonita e jovem — um dos desejos mais fundos da minha alma”. Marília Gabriela já disse algo como: “Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente? Eu quero é ser

gostosa!”. Ah, só uma mulher — inteligente, claro — pra entender que Gabi tem toda a razão.

Por tudo isso, ler sobre as desventuras das feias produz em todas as mulheres um secreto regozijo. Porque, mesmo quem é bela, acaba se reconhecendo em alguma neura ou frustração das que nasceram com um rosto, digamos assim, estranho. Não há quem já não tenha sido preterida por outra mais exuberante, ou mais jovem, mais magra, mais loira. Sim, Vinicius, beleza é fundamental, nós que o digamos. Óbvio que não deixamos de valorizar o que realmente interessa: massa cinzenta, caráter e honestidade, mas estou para encontrar uma mulher que não dê a mínima para sua aparência. O bom é que a gente consegue se divertir com o assunto, já que sofrer por causa disso, nem pensar: além de inútil, nos deixa com o aspecto abatido e cheias de olheiras. Era só o que faltava.

Essa crônica, assim como as outras quatro que compõem o nosso *corpus*, apresenta elementos que nos permitem classificá-la como sendo de autoajuda. Todas elas encerram uma mensagem ou conselho. Sua principal característica é a identificação da leitora com aquilo que a autora relata e com a maneira como relata. A procura por esses textos aumenta se as pessoas identificam, nas experiências alheias, os mesmos problemas e desafios enfrentados por elas, principalmente se esses “parceiros de estrada” encontraram respostas e soluções que os leitores ainda não conseguiram identificar.

Lembremo-nos de que o objetivo principal desse tipo de texto é compartilhar com o leitor uma experiência e um “modo de fazer e ser” que consigam sanar as angústias vivenciadas pelo homem moderno ou, em nosso caso, pela mulher moderna.

Como já discutido anteriormente, o *Sistema de Transitividade* realiza o significado ideacional, expressa a experiência humana como um *processo* em que podem intervir participantes ativo (*ator*) e passivo (*meta*), e as *circunstâncias* desse processo. Mais detalhadamente, segundo Martins,

há seis tipos de processos, cada um com seus participantes específicos. Há os processos materiais (do fazer e do acontecer) que têm como participantes o ator e a meta; os processos mentais (do sentir, do pensar, do perceber e do querer) têm como participantes o experienciador e o fenômeno; os processos relacionais (do ser e do identificar) têm como participantes portador e atributo e identificado e identificador; os processos comportamentais têm por participante o comportante; os processos verbais

(do dizer) têm como participantes o dizente e a verbiagem; e os processos existenciais (do existir) têm como participante o existente. (MARTINS 2009, p.1347)

Thompson (1998) estuda a motivação para a repetição de determinadas estruturas de transitividade em um texto. Para o autor, as escolhas parecem sustentar umas às outras, ajudando a consolidar um determinado tom (*tone*), que percorre todo o texto.

Segundo ele, o autor de um texto, inconscientemente, cria uma imagem — por exemplo, cidade em movimento ou resultados lógicos — e opta consistentemente por fraseados que mantenham o tom dessa imagem.

De acordo com Lima Lopes, em seu trabalho sobre a Transitividade em Língua Portuguesa,

[o] autor chama esse fenômeno de Ressonância Textual, um efeito cumulativo nas escolhas no sistema de transitividade em um texto, consolidando determinadas facetas do significado. Assim, o produtor de um texto tem diversos fraseados à sua disposição, mas usa apenas aqueles que mantêm um padrão escolhido (Thompson, 1998: 32). Embora importante para a unidade do texto, a ressonância não é colocada como um sistema, mas sim como uma estratégia no nível do discurso. Um fraseado se torna a escolha mais provável em um contexto porque ele ressoa (*resonates*) com as demais escolhas, construindo, juntas, o significado trazido pelo texto. (LIMA LOPES, 2008, p.11)

A – PROCESSOS MATERIAIS

Os processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico. Nesse sentido, os processos materiais são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), sejam elas criativas ou de transformação. Como já se disse, a realização de uma ação pressupõe sempre a existência de alguém ou algo que a execute. Esse alguém ou algo é classificado como Ator. O participante Ator é aquele que realiza um fazer, um agir. Outro tipo de participante é a Meta. É para o participante Meta que a ação é dirigida. Em termos de gramática tradicional, a Meta representa o objeto direto.

Todo processo material se desdobra, pelo menos, com uma fase inicial e uma fase final. Esta consiste no resultado do processo, que representa a mudança de alguma característica do Ator numa oração intransitiva ou da Meta numa oração

transitiva. Esse critério Halliday & Matthiessen (2004, p.184) utilizam para identificar dois subtipos de orações materiais: criativas e transformativas. À medida que o processo se desdobra, nas orações materiais criativas, um dos participantes é trazido à existência, ao passo que, nas orações transformativas, um dos participantes preexiste e é modificado em algum aspecto. Os processos materiais constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis, e provocam um investimento de energia feito por um participante.

Esses processos podem representar uma figura de acontecer (com apenas um participante) ou de fazer (com dois participantes). Os participantes envolvidos nos processos materiais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), podem desempenhar diferentes papéis. Denomina-se *Ator* aquele que realiza o processo. *Meta* é para quem ou para o que o processo é direcionado, ou seja, o participante afetado pelo processo. *Recipiente* é o participante beneficiado pelo processo que gera um bem. *Cliente* é o participante beneficiado por um serviço originado pelo processo. *Escopo* é o participante que completa o significado do processo. Os autores classificam os processos materiais em dois principais tipos: *criativos*, como criar, aparecer, produzir, abrir, emergir; e *transformativos*, como fazer, quebrar, construir, torcer, cortar, entre outros.

Percebe-se, pelo levantamento dos dados, que os processos materiais são os que aparecem em maior quantidade nas cinco crônicas analisadas. Os agentes dos processos materiais nas crônicas geralmente são pessoas identificáveis, explicitamente mencionadas, como se pode observar nos trechos apresentados no quadro que se segue. Em sua maioria, os atores são as mulheres ou a própria autora que se coloca como porta-voz de suas leitoras, o que sugere a tentativa de criação de um certo grau de intimidade ou aproximação com as interlocutoras.

1	enquanto leio um livro
2	Sorriso por dentro
3	foi quando li
4	uma mulher que se olha pela primeira vez num espelho aos 18 anos
5	e descobre que é feia

6	vez de Claudia Tajes lançar “A vida sexual da mulher feia”
7	atende por Ju
8	a dificuldade de arranjar namorado
9	eu tive que enxugar as lágrimas
10	Podem não ser umas deusas
11	a gente acaba desvalorizando nossos autênticos atributos
12	já que sofrer por causa disso, nem pensar
13	nos deixa com o aspecto abatido e cheias de olheiras
14	Algumas chegam ao exagero
15	comprar na clínica da esquina
16	o que lhes falta : peitos, boca, cabelo
17	Porque elas se cobram desumanamente
18	Comparam-se
19	com o que veem nas revistas
20	A feiura ronda a todas, ao menos em alguma etapa da vida.
21	ler sobre as desventuras das feias
22	produz em todas as mulheres um secreto regozijo
23	(mesmo quem é bela) acaba se reconhecendo em alguma neura ou frustração
24	(frustração) das que nasceram com um rosto(...) estranho.
25	Óbvio que não deixamos de valorizar o que realmente interessa
26	mas estou para encontrar uma mulher
27	(uma mulher) que não dê a mínima para sua aparência
28	A mulher que escreveu a Bíblia
29	Eu tive que enxugar as lágrimas

30	Era só o que faltava
31	Mas estou para encontrar uma mulher

QUADRO 2: processos materiais na crônica “A mulher feia (Texto 4)

Ao analisar os processos apresentados no quadro 2, podemos ver que os processos materiais com maior abundância são criativos (produz, valorizar, desvalorizar, deixar, sofrer), o que traz à existência uma ideia específica de mulher – no caso, que se alegra quando percebe que outras também sofreram com a feiura.

É interessante notar que, embora inicie o texto em primeira pessoa, a partir do terceiro parágrafo a autora passa a tratar algumas mulheres utilizando pronomes de terceira pessoa, ou seja, fazendo uma separação clara entre ela e aquelas mulheres que fazem de tudo para ficarem bonitas. A intenção é mostrar para os leitores que ela não faz parte desse grupo que “compra na clínica da esquina o que lhes falta” e que, além disso, ela as critica por se submeterem a isso. É nesse momento que encontramos seis processos com outros atores, também bastante claros: mulheres outras, que não são identificáveis com a autora ou com as leitoras dessa crônica. Observemos abaixo:

1	<i>Algumas</i> chegam ao exagero
2	de comprar na clínica da esquina
3	o que lhes falta : peitos, boca, cabelo
4	Porque <i>elas</i> se cobram desumanamente
5	Comparam-se
6	com o que veem nas revistas

QUADRO 3: processos materiais em que os participantes são outras mulheres (Texto 4)

Por meio de seu discurso, percebe-se que a autora traçou um perfil pré-estabelecido de suas leitoras utilizando para isso características que seriam gerais para todas as mulheres, facilitando, dessa forma, a identificação destas com os aspectos abordados pelo texto. Essa identificação leva as leitoras a aceitarem, sem questionar, as constatações da autora do texto. Podemos inferir ainda que, pelo uso de determinadas palavras e expressões (como “**Por tudo isso**, ler sobre as

desventuras das feias produz em **todas** as mulheres um secreto regozijo”), a autora mostra-se do lado da ouvinte, principalmente ao reproduzir alguns comportamentos característicos do gênero feminino, como o de se cobrar ou se alegrar ao ver outras mulheres passando pela mesma situação.

B – PROCESSOS VERBAIS

Os processos verbais servem para representar os verbos do dizer, do comunicar. Esse processo não apenas inclui os diferentes modos de dizer (*perguntar, dizer, afirmar*), mas também processos semióticos que não expressam necessariamente processos do dizer (mostrar, indicar). Aqui, a fala é sempre do outro: Adélia Prado *escreve*; Marília Gabriela *diz*; modelos famosas revelam (embora *revelar* e *escrever* normalmente sejam classificados como processos materiais, aqui foram encarados como verbais por serem sinônimo de *falar, dizer* ou *afirmar*). Essas falas ilustram o que a autora afirma em todo o texto, ou seja, a tese que ela defende de que toda mulher, por mais bonita ou inteligente que seja, vê algum “problema” em relação a sua aparência física.

1	A excepcional Adélia Prado certa vez escreveu num poema: “Ser bonita e jovem — um dos desejos mais fundos da minha alma”
2	Marília Gabriela já disse algo como: “Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente? Eu quero é ser gostosa!”
3	É comum top models revelarem que, na época da escola, eram chamadas de tábua, magrela, estrupício.
4	Sim, Vinícius, beleza é fundamental, nós é que o digamos
5	Ju nos conta sobre sua infância

QUADRO 4: Processos verbais do texto 4

Nos processos verbais (1) e (2), o dizente é caracterizado como uma mulher inteligente e culta, que exatamente por isso tem o direito de querer ser bela sem parecer fútil. Já em (3), ao afirmar que modelos famosas revelaram terem sido

chamadas de feias, a cronista mostra a suas leitoras que toda mulher – não importa sua condição – um dia já foi tida como feia. Essa afirmativa leva as interlocutoras a aceitarem que isso é algo comum a todas as mulheres e que, se essas mesmas modelos, hoje lindas e famosas, um dia foram feias, não há porque se preocupar tanto.

Em (4), o dizente seriam as próprias mulheres que em sua fala citam a afirmação de Vinícius de Moraes (“as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”), atestando que todas as mulheres carregam esse fardo de precisarem ser bonitas. Em (5), Martha Medeiros traz à tona a fala da personagem do livro que serviu de mote para a crônica, indicando que a partir de suas histórias a autora percebeu que toda mulher sente um “segredo regozijo” em perceber que todas as outras também, em algum momento da vida, se sentiram feias.

C- PROCESSOS MENTAIS

Os processos mentais são os processos do sentir, os quais incluem processos de percepção (*ver, ouvir, perceber* etc.), de afeição (*gostar, amar, agradar* etc.) e de cognição (*pensar, saber, compreender, perceber, imaginar* etc.). Ao dizer que as mulheres olham as revistas e “se acham feias”, a autora explicita o sentimento não só dessas mulheres, mas de todas, delineando a esfera da consciência do que é representado no texto, no caso, mulheres que são pressionadas pela sociedade para serem bonitas. Embora figurem em menor quantidade em todas as crônicas, esses processos sugerem uma ligação afetiva e cognitiva com todas as mulheres, para, assim, poderem compartilhar experiências boas e se sentirem bem consigo próprias ou se solidarizarem em momentos difíceis (“quem já não se **sentiu** o ó do borogodó numa festa, quem?”). Há um sentir sempre atribuído a uma entidade que faz parte do que vem sendo exposto.

Ao utilizar o pronome “quem” iniciando perguntas retóricas (“quem já não *foi* gordinha?”, “quem já não *foi* desengonçada?”), Martha Medeiros cria uma cumplicidade com as leitoras, afirmando que todas as mulheres, em determinado momento da vida, já passaram por esses momentos questionamentos.

Eis os processos mentais presentes na crônica “A mulher feia”:

1	(Algumas) se acham feias.
2	só uma mulher — inteligente, claro — pra entender que Gabi tem toda a razão.
3	quem já não se sentiu o ó do borogodó numa festa
4	Óbvio que não deixamos de valorizar o que realmente interessa
5	“Eu quero é ser gostosa!”
6	O bom é que a gente consegue se divertir com o assunto, já que sofrer por causa disso, nem pensar
7	O bom é que a gente consegue se divertir com o assunto, já que sofrer por causa disso, nem pensar

QUADRO 5: processos mentais presentes em “A mulher feia” (Texto 4)

Em (1) vemos o verbo “achar” tendo como experienciador outras mulheres, que diferem da autora e das leitoras por pensarem ser feias e tentarem adequar-se de todas as formas ao modelo da sociedade. Já em (3) podemos perceber a tentativa da criação de uma atmosfera de cumplicidade. Ao utilizar um pronome interrogativo, a cronista inclui-se no grupo que já experienciou o fenômeno de sentir-se feia e passa a fazer parte dele.

Em (3) temos a fala de Marília Gabriela, que, segundo a autora, externa o pensamento de todas as mulheres inteligentes (percebamos a importância do adjetivo nesse caso), como ela diz em (4), ao afirmar que só as “mulheres inteligentes” (que no caso são suas leitoras, além de ela própria) conseguem entender que Gabi tem razão.

Já nos últimos processos – (5), (6) e (7) – temos como experienciador todas as mulheres, como fica claro com a utilização do verbo na primeira pessoa do plural em (5) e o emprego do vocábulo “gente” em (6) e (7). Esse procedimento contribui para que haja a identificação entre o que a autora descreve e o que suas leitoras sentem.

D- PROCESSOS RELACIONAIS

Os processos relacionais expressam visões particulares de mundo – no caso da crônica “A mulher feia”, a visão de uma mulher que afirma que todas as mulheres, por um dia terem sido excluídas dos padrões de beleza vigentes, sentem certo prazer ao ler sobre aventuras de mulheres feias – e tornam-se então, recurso valioso na formação do ponto de vista exposto, influenciando as leitoras, principalmente ao iniciar o texto em primeira pessoa, o que faz locutora e interlocutora se tornarem cúmplices e se verem como uma só, compartilhando de uma opinião comum.

Podem ser divididos em relacional atributivo e relacional identificativo. Uma forma de distinguir os dois tipos básicos do processo relacional é pelo teste da reversibilidade. As orações atributivas não são geralmente reversíveis semanticamente, isto é, não é possível inverter os papéis dos participantes sem alterar o sentido. Além disso, os identificadores das orações identificativas são introduzidos pelos artigos definidos: o, a, os e as.

A seguir o quadro com todos os processos relacionais presentes na crônica “A mulher feia”, aqui analisada.

1	Quem já não foi gordinha?
2	Quem já não foi desengonçada?
3	É comum top models revelarem
4	Uma das raras vezes foi quando li “A mulher que escreveu a Bíblia”.
5	A narradora é uma mulher.
6	(mulher) que é feia.
7	é deste cérebro privilegiado.
8	uma mulher (...) com o agravante de ter um corpo repulsivo.
9	dos atributos estéticos que lhe foram negados.
10	É isso o livro, sem maiores pretensões.
11	O Brasil é um país de mulheres bonitas.
12	Podem não ser umas deusas.
13	cada mulher tem algum atrativo.
14	alguma coisa ela tem que agrada.

15	Mas adianta ter alguma coisa.
16	A pressão para ser linda é tanta.
17	por terem sido feias um dia.
18	que, na época da escola, eram chamadas de tábua, magrela, estrupício.
19	Ser bonita e jovem — um dos desejos mais fundos da minha alma.
20	“Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente?”
21	“Eu quero é ser gostosa!”.
22	Gabi tem toda a razão.
23	Porque, mesmo quem é bela.
24	Não há quem já não tenha sido preterida.
25	Sim, Vinicius, beleza é fundamental.
26	O bom é que a gente consegue se divertir com o assunto.
27	Era só o que faltava.
28	Ou são traumatizadas
29	Pois agora é a vez de Claudia Tajes
30	A pressão para ser linda é tanta
31	Jucianara – que não é boba.

QUADRO 6: processos relacionais presentes em “A mulher feia” (Texto 4)

Em nosso *corpus*, esses processos geralmente indicam atributos relativos a sexo, amor e beleza ou referem-se ao relacionamento entre a mulher e o homem. Na crônica analisada, os processos relacionais contribuem para as leitoras se sentirem parte de uma comunidade discursiva composta pela autora, por mulheres inteligentes e conhecidas (Marília Gabriela e Adélia Prado) e por outras leitoras, além de estabelecer um alinhamento entre os membros dessa comunidade. Os processos relacionais atributivos mostram as características das mulheres presentes na sociedade e com as quais a autora se identifica. A utilização desse processo enfatiza a união de um grupo social, como é ilustrado em “Quem já não **foi** gordinha, quem já não **foi** desengonçada (...)?” (processos relacionais 1 e 2). Ao mesmo tempo em que as generalizações classificam ou identificam as mulheres, elas também criam esquemas mentais, uma espécie de rotinização. Com o passar do tempo, essas generalizações podem se incorporar como traços sócio-cognitivos das leitoras e podem ser compartilhadas pela comunidade discursiva, tornando-se

conhecimento de senso comum ou parte da cognição social (VAN DIJK, 1996 *apud* HERBELE, 1999).]

Em (9), (14), (15) e (16), os processos relacionais possessivos indicam que toda a mulher, por mais que possua alguma qualidade, sempre terá algum tipo de problema com sua aparência, pois, para a sociedade não adiantaria ter qualquer atrativo, mas sim aqueles necessários para que a mulher se encaixasse em um padrão de beleza vigente. Já em (23), o processo relacional possessivo indica que a fala trazida pela autora para corroborar sua tese faz sentido, que realmente Gabi tem razão, ela está certa no que afirma em relação à beleza. Mas só mulheres que são inteligentes podem perceber isso.

E – PROCESSOS COMPORTAMENTAIS

Situados entre os processos materiais e mentais, são os responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades mentais como ouvir e assistir, e atividades verbais como conversar e focar. São, em parte, ação, em parte, uma experiência do sentir. A maioria dos processos comportamentais tem apenas um participante consciente, intitulado comportante, ou seja, são verbos que expressam uma forma de fazer geralmente não estendido para outro participante. Os processos comportamentais presentes nessa crônica são utilizados para mostrar às leitoras de Martha comportamentos que a autora teve em sua trajetória de vida, compartilhada com suas interlocutoras por meio das crônicas.

1	Não sou de gargalhar alto
2	Me peguei rindo
3	Literalmente chorei de rir
4	Literalmente chorei de rir
5	A gente consegue se divertir com o assunto

QUADRO 7 – processos comportamentais no texto 4

5 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Para demonstrar o que é aqui afirmado, analisamos cinco crônicas de Martha Medeiros voltadas para o público feminino, retiradas de jornais de grande circulação, por meio do sistema de transitividade. Em cada uma delas, a autora dialoga com seu público-alvo, assumindo um posicionamento específico no texto, por meio do discurso de autoajuda, acerca do tema discutido e construindo uma imagem de mulher.

Ao final do levantamento feito no *corpus* completo (as cinco crônicas de Martha Medeiros, intituladas “Sisters”, “Ai de nós, quem mandou”, “De onde surgem os amores”, “A mulher feia” e “Condição de entrega”), chegamos aos resultados quantitativos que agora se apresentam. Os resultados desta análise foram obtidos a partir do exame do sistema de transitividade a fim de verificar como a ideia de mulher e o discurso de autoajuda são representados pela escritora Martha Medeiros.

A análise revelou que, dos processos primários, de todas as ocorrências consideradas (457), o texto em questão apresentou uma predominância dos processos materiais com, aproximadamente, 49 % de ocorrências. Já os processos relacionais somam, aproximadamente, 27% e os mentais, 17%. Em relação aos processos secundários, os processos comportamentais obtiveram 7% de ocorrências e houve uma quase sintonia entre os processos verbais e os processos existenciais, com 4% e 3%, respectivamente. É importante ressaltar que grande parte dos processos existenciais ocorre em apenas uma única crônica e não aparece em todas, como veremos na tabela que segue.

A seguir, apresentamos dois gráficos. O primeiro ilustra a distribuição global dos processos. O segundo, a quantidade percentual de cada processo distribuído nos cinco textos, de maneira comparativa. Já a tabela seguinte indica o quantitativo de cada um deles nas cinco crônicas analisadas:

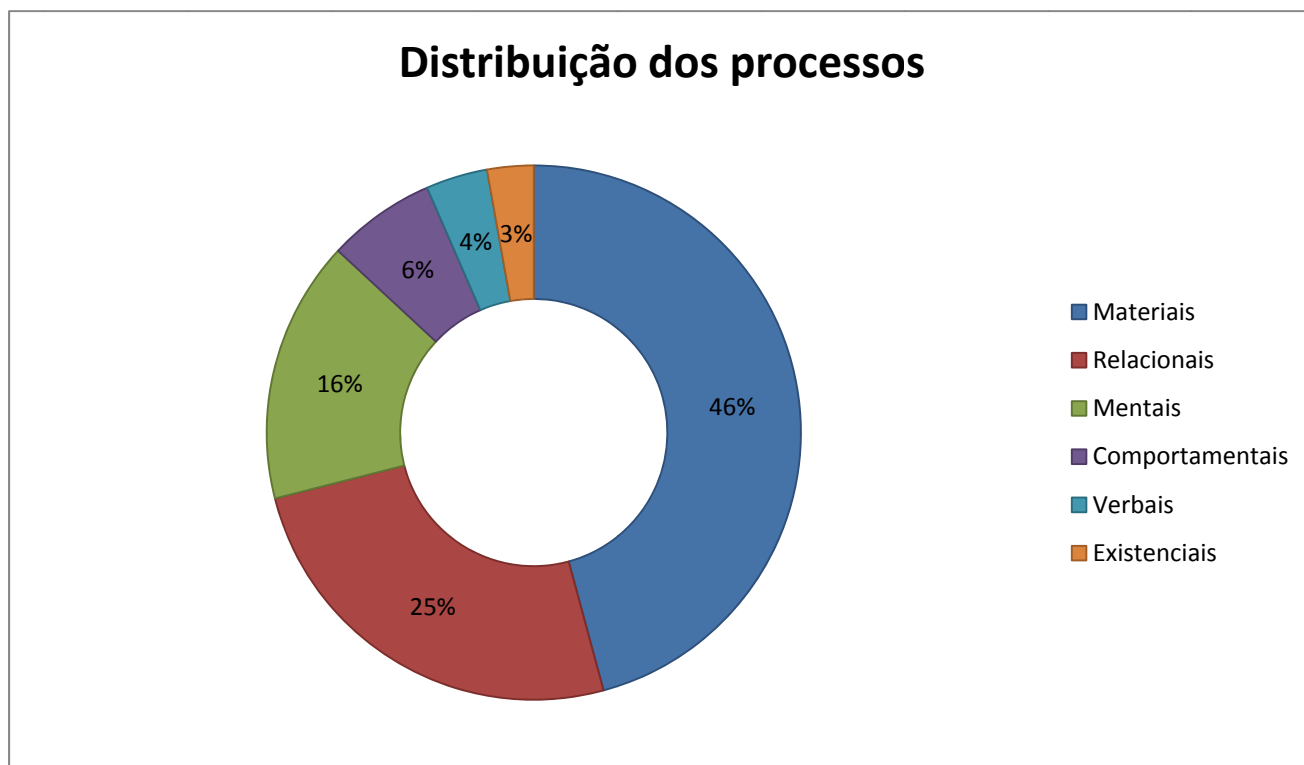


Gráfico 1 – Distribuição global dos processos nas cinco crônicas analisadas

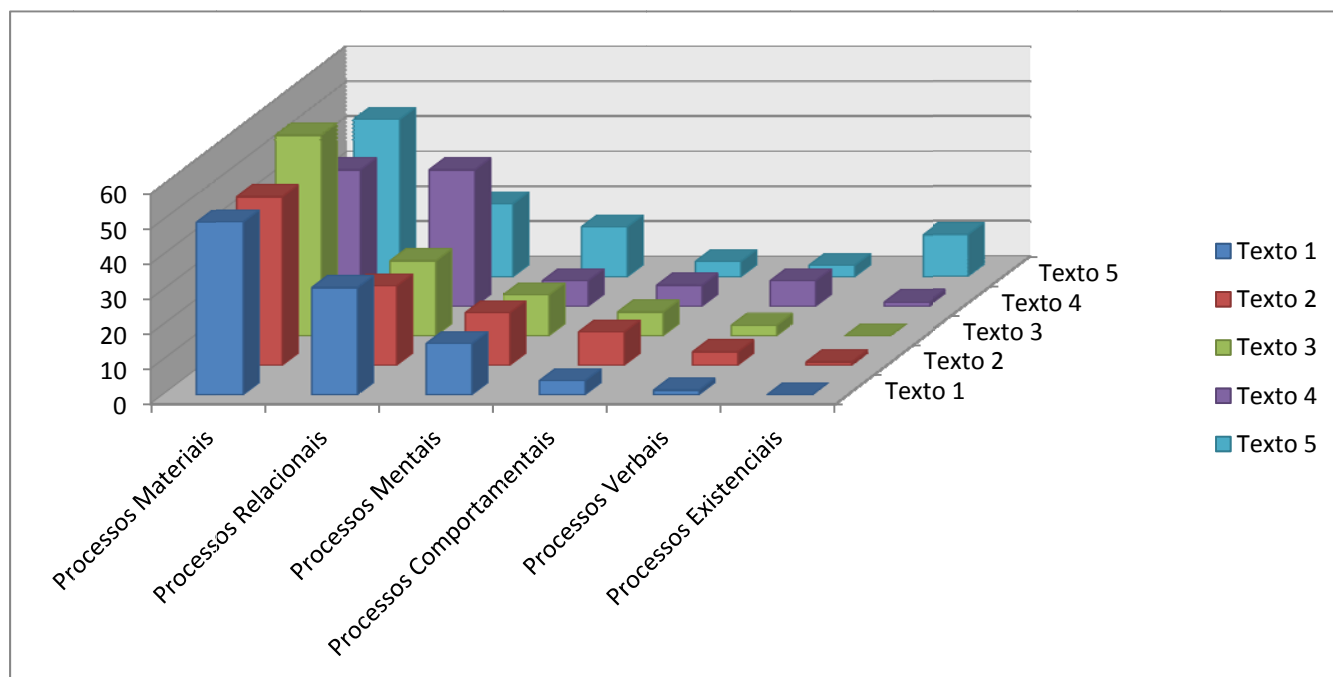


Gráfico 2: Comparativo dos processos distribuídos percentualmente nas crônicas

Processos Textos	Material	Relacional	Mental	Comportamental	Verbal	Existencial
Texto 1 – “Sisters”	37	23	11	3	1	-
Texto 2 – “Ai de nós, quem mandou?”	51	24	16	10	4	1
Texto 3 – “De onde surgem os amores.”	59	22	12	7	3	-
Texto 4 – “A mulher feia.”	32	32	6	5	6	1
Texto 5 – “Condição de entrega.”	41	19	13	4	3	11

Tabela 1: Quantidade de processos nas crônicas

Cada processo tem seu modo próprio de construir um domínio particular de experiências em planos específicos, de acordo com os participantes e as circunstâncias que lhe são associados e de acordo com o contexto de uso. Portanto, orações com diferentes processos e, por conseguinte, diferentes *transitividades* trazem contribuições distintivas para a construção da experiência nos vários domínios discursivos, e é essa contribuição que analisamos nas crônicas que constituem o *corpus* deste trabalho.

Nas crônicas analisadas, os agentes dos sentimentos, das relações e ações estabelecidas e das falas são específicos e claramente identificáveis. São pessoas denominadas, engajadas em diferentes atos de fala, pertencentes ao mundo feminino, que realizam ações concretas, verbalizam suas emoções e identificam-se ou recebem atributos específicos, geralmente em situações do dia a dia e amorosas.

O gráfico 1 deixa claro a participação majoritárias dos processos materiais, ocupando a primeira posição, para expressar ações e acontecimentos. Neste momento, é imprescindível destacar que há muitos processos materiais no chamado discurso de autoajuda, visto que sua função é induzir o leitor a uma transformação interior ou ensiná-lo a criar e a ter atitudes que o façam alcançar os objetivos por ele almejados. Dessa forma, todos esses processos materiais compõem as experiências

de mundo retratadas nesse discurso. Nas crônicas de Martha Medeiros não foi diferente. Uma gama bastante variada desse tipo de processo foi verificada nos dados, o que mostra a importância dos processos materiais para a construção das experiências de mundo tematizadas nas crônicas voltadas para o público feminino.

Há, nos textos-*corpus* investigados, um predomínio dos processos materiais que constroem as experiências externas e internas, vivenciadas pela autora e seu público-leitor, e que se prestam a descrever ações, fatos, acontecimentos com vistas a expressar uma opinião. Essa predominância não significa, entretanto, que apenas esse tipo de processo tem um importante papel a desempenhar. Ao lado dos relacionais, dos verbais, dos mentais e dos existenciais, compõem a organização textual do que chamamos de “discurso de autoajuda”.

Para ilustrar a variedade de processos materiais encontrados nas crônicas, retiramos dez processos materiais de cada um dos cinco textos analisados em nosso *corpus*:

Sempre que chega o Dia Internacional da Mulher (texto 1)
A data invoca (texto 1)
Mulheres já mostraram (texto 1)
a que vieram (texto 1)
Prefiro aproveitar a data (texto 1)
tive a sensação boa de confirmar que o tempo passa (texto 1)
os filhos crecem (texto 1)
os corações se partem (texto 1)
A senhora que desistiu (texto 1)
nascemos com o dom de detectar (texto 1)
Mulheres ganham salários menores que os dos homens(texto 2)
e líderes feministas seguem lutando (texto 2)
e líderes feministas seguem lutando (texto 2)
Mulheres que estudam (texto 2)
Que encrenca que as feministas nos arranjaram (texto 2)
Estimularam o pensamento livre (texto 2)
Essa mulheres aí que não cozinham (texto 2)
não passam (texto 2)

não lavam (texto 2)
Só evoluem (texto 2)
Já tinha perdido a esperança de encontrar um novo namorado (texto 3)
podia muito bem viver sem amor (texto 3)
podia muito bem viver sem amor (texto 3)
ia pra balada (texto 3)
Saía de vez em quando (texto 3)
voltava invariavelmente sozinha pra casa (texto 3)
ele, depois de muitos anos morando no exterior
voltaria para o Brasil (texto 3)
se produzia bonitinha
nunca é fácil sair de um casamento (texto 3)
Leio um livro(texto 4)
Sorriso por dentro (texto 4)
uma mulher que se olha pela primeira vez num espelho (texto 4)
Dificuldade de arranjar namorado (texto 4)
Porque elas se cobram desumanamente(texto 4)
Comparam-se com o que veem (texto 4)
A feiura ronda a todas (texto 4)
ler sobre as desventuras das feias produz em todas as mulheres um secreto regozijo (texto 4)
nos deixa com o aspecto abatido e cheias de olheiras (texto 4)
Era só o que faltava (texto 4)
Freud nunca descobriu (texto 5)
Ney Amaral abre seu livro (texto 5)
Corria o risco de soar meio paternalista(texto 5)
ele realmente chegará na hora (texto 5)
Me fez erguer o músculo(texto 5)
É quando você não precisa fingir (texto 5)
Nenhum dos dois sonegou uma parte de si. (texto 5)
Jogam no mesmo time (texto 5)
A relação durará para sempre? (texto 5)

Isso **basta** (texto 5)

QUADRO 8: alguns processos materiais presentes nas cinco crônicas

Notamos que quase não há repetição dos processos nos textos e que grande parte deles é transitivo. Essa transição de força de algo ou alguém em direção a um objeto se mostra eficaz para a construção de uma realidade sobre a qual se quer moldar uma opinião. Nesse sentido, as orações transitivas englobando ações são mais impactantes do que as orações intransitivas que encapsulam acontecimentos.

A frequência dos processos materiais nos dados evidencia a importância desse tipo de processo na construção do sentido no discurso de autoajuda, pelo modo como representam ações ou eventos dinâmicos do mundo da experiência. Por vezes, essas orações veiculam os fatos discutidos nas crônicas, outras vezes são suportes para a argumentação desenvolvida.

Usadas para representar entidades no mundo em termos de suas características e identidades, nos textos em análise, as “orações relacionais” são utilizadas ora para atribuir uma qualidade à experiência do “ser mulher” ora para descrever participantes e cenários. Em sua maioria, os processos relacionais são materializados pelo verbo *ser* com mais ocorrências em comparação a uma ocorrência do verbo *estar* e do verbo *ficar*.

Nesse sentido, os processos relacionais, e os atributos e as identidades que eles estabelecem, contribuem para reforçar valores e modos de agir das leitoras. De alguma forma, elas são levadas a admitir a verdade das proposições: o que é dito é apresentado como aceitável. Isso pode ser notado nos trechos seguintes:

“Porém, mesmo sendo amigável, nunca é fácil sair de um casamento, ainda mais de um casamento que não era um inferno, apenas havia acabado por excesso de amizade” (Texto 3)

“Somos mais chatas do que os homens, porém, entre uma chatice e outra, somos extremamente solidárias e companheiras de farras e roubadas.” (Texto 1)

“Os homens ainda não estão preparados para abrir mão da superioridade que o papel de provedor lhes confere. E mesmo os mais antenados, que apoiam que suas mulheres sejam independentes, ficam inseguros se elas tiverem cargos de chefia e muita visibilidade.” (Texto 2)

Quanto ao processo mental, este está presente em orações relacionadas à experiência de mundo da nossa própria consciência, isto é, ele codifica os significados de pensar e sentir. Orações ou sentenças com processos mentais respondem à pergunta *o que você sente, pensa ou sabe sobre x?* Com esse tipo de verbo não tratamos de ações, mas de reações mentais, de pensamentos, sentimentos e percepções. Nos textos analisados, grande parte dos processos mentais cognitivos externa a opinião da própria autora sobre o tema tratado nos textos, como vemos nos exemplos a seguir:

1	“fiquei inclinada a pensar ” (texto 2)
2	“Nunca imaginei que em 2010 ainda estaria escrevendo sobre isso.” (texto 2)
3	“Já não sei se é uma boa ideia” (texto 2)
4	“todos precisam uns dos outros” (texto 2)
5	“ esquecemos com facilidade alfinetadas” (texto 1)
6	“ Achei que os homens já tivessem percebido o quanto ganham em ter uma mulher inteira ao seu lado” (texto 2)
7	“ Creio que as mulheres já mostraram a que vieram” (texto 1)

QUADRO 9: Ex. de processos mentais dos textos-corpus

Percebe-se que as afirmativas não dão margem para uma discordância. Primeiramente, introduzem a parte narrativa das crônicas, isto é, trazem uma experiência vivenciada pelo indivíduo para o momento da enunciação, materializado pelos processos “pensar” em (1), “sei” em (3) ou “achei” em (6). Em seguida, esses processos mentais cognitivos marcam o conhecimento do falante sobre a situação em que ele se insere, como em “(4), (5) e (7).

Os processos mentais afetivos, por sua vez, figuram de diferentes formas nos textos. Em alguns casos, são empregados na primeira pessoa do plural, mostrando que a autora se inclui no grupo das mulheres que sentem daquela forma, como em “**precisamos** de mulheres a nossa volta” (texto 1), “**amamos** os homens, mas

casadas somos umas com as outras.” (texto 1) e “mesmo que todos **saibamos** que não existe rede pro amor.” (texto 5). Em outros momentos, são utilizados de maneira generalizante, trazendo em si um discurso pautado no senso comum e na fala popular para gerar identificação do público com o que é dito, como em “quem já não se **sentiu** o ó do borogodó?”

O primeiro processo secundário mais encontrado nas crônicas são as “orações comportamentais”, nas quais estão presentes os verbos que constroem comportamentos humanos, incluindo atividades psicológicas como ouvir e assistir, atividades fisiológicas como respirar, dormir, e verbais como conversar, focar (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 60). Em suma, são verbos que envolvem processos materiais e mentais simultaneamente, ou seja, são em parte ação, em parte sentir.

	Comportante	Pr. Comportamental	
1	Eu (não sou de)	gargalhar	alto
2	Nós (precisamos)	dividir	angústias
3	Nós (precisamos)	trocar	carinhos
4	Nós (precisamos)	pedir	apoio
5	Eu	chorei de rir	

QUADRO 10: alguns processos comportamentais presentes nas crônicas

Esse processo, nas crônicas, ou ilustra um comportamento generalizante das mulheres com o qual as leitoras podem facilmente se identificar, como em (2), (3) e (4), ou marca o comportamento da autora frente às questões tratadas em seu texto, como em (1) e (5).

Os processos verbais, como o próprio nome antecipa, referem-se aos verbos que expressam o dizer; são os processos do apontar. São, portanto, os processos de comunicar. Situam-se entre os relacionais e os mentais, sendo relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem. Os participantes são chamados de: *dizente* – participante inerente que diz, comunica, aponta algo; *receptor*, participante opcional para quem o processo verbal se dirige; *verbiagem* participante que codifica o que é dito ou comunicado. Esse tipo de processo, segundo Halliday & Mathiessen (2004, p. 252), contribui para a criação da

narrativa porque torna possível estabelecer passagens dialógicas em narrativas escritas e desenvolver relatos de diálogos em narrativas orais. Assim, processos verbais podem apresentar como verbiagem o discurso direto ou o discurso indireto. Sobre a presença de orações com estrutura de discurso direto e indireto nas crônicas, podemos afirmar que seu emprego está ligado ao teor argumentativo desse gênero, no sentido de que essas vozes vêm funcionar como argumentos de autoridade e não criar sequências dialógicas, função que ocupam no caso das narrativas orais, ou relatar diálogos, função preenchida nas narrativas escritas. Nas crônicas analisadas, o processo verbal sempre trará o discurso de outro, normalmente alguma mulher que passa a ter voz dentro da crônica para exemplificar o que a autora está dizendo ou coadunar com sua fala, como em “Marília Gabriela já **disse** algo como: ‘Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente? Eu quero é ser gostosa!’” (texto 4).

Os processos existenciais pouco figuram nos textos analisados. A função desse tipo de processo é construir a existência de algo. Para Halliday e Matthiessen (2004), processos existenciais são a representação de algo que existe ou acontece e estão presentes nos dados por meio dos verbos existenciais prototípicos da língua portuguesa: haver e existir.

Notamos, ao analisarmos os gráficos, a pequena quantidade de processos existenciais presentes nas crônicas. Em algumas delas, inclusive, não há nenhuma ocorrência. Em contrapartida, temos, no texto 5 apenas, onze processos existenciais.

1	Supondo que o amor ideal exista
2	Mesmo havendo amor e desejo
3	Condição de entrega: se não existir
4	A relação tampouco existirá pra valer
5	Não há competitividade
6	Não haverá julgamento sumário
7	Havendo condição de entrega
8	Enquanto juntos, houve entrega

9	Quando não há condição de entrega
10	Há uma rede lá embaixo
11	Não existe rede pro amor

QUADRO 9: processos existenciais do texto 5

O processo *haver* cumpre, em (2), (5), (7), (8), (9) e (10), a função de dar continuidade a ideias anteriores, apresentando um elemento novo que se instancia, que se cria pela presença desse processo. A introdução desse elemento recém-criado dá prosseguimento ao fluxo do texto, funcionando como uma ponte entre o dado, apresentado até então, e o novo, as ideias que passam a ocupar o centro da discussão. Assim, em (2), a autora afirma que amor e desejo não são o suficiente para que uma relação seja durável. Em (7), passam a descrever o que ocorre quando a condição de entrega é colocada em prática e, em (5), (6) e (8), apresentam as consequências trazidas pela vivência dessa condição de entrega nos relacionamentos.

Os processos existenciais mostram que, se há predomínio de um determinado tipo de processo, isso não exclui a possibilidade de outros processos, que têm papel decisivo em outros gêneros, entrarem em cena e desempenharem um papel relevante na construção do sentido do texto.

Para concluirmos este capítulo, podemos afirmar que o uso dos diferentes processos no discurso de autoajuda – especificamente nas crônicas aqui analisadas –, em especial os relacionais e os materiais, constituem um modo de apresentar ideias, defender pontos de vistas e buscar a adesão do leitor.

O sistema de transitividade cumpre, de diferentes maneiras, como as demonstradas ao longo deste capítulo, a função de expor as experiências de mundo com o intuito de persuadir o leitor, para que ele passe a concordar com as teses expostas nas crônicas ou com as ideias defendidas pelo autor do discurso de autoajuda. Os tipos de processos selecionados dialogam com os participantes escolhidos para compor uma rede de significados que tem por objetivo, primeiro e último, o convencimento das leitoras.

Em síntese, todos os tipos de processo têm uma função que lhes é própria, no entanto essa função pode se alterar em virtude dos objetivos do gênero e das

escolhas realizadas, como pudemos comprovar no discurso de autoajuda, que pode ser veiculado, por exemplo, em uma crônica voltada especificamente para o público feminino. Esses usos diversificados, registrados nos dados, comprovam nossa hipótese de que a transitividade cumpre um papel específico na realização da autoajuda como domínio discursivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto no capítulo “Metodologia”, a análise foi executada depois do mapeamento de todos os processos existentes nas cinco crônicas que compõem nosso *corpus*. Em seguida, foi orientada pela distribuição dos processos do sistema da transitividade e categorizados de acordo com os contextos em que foram realizados.

Os objetivos deste trabalho consistiram em encontrar e posteriormente analisar as regularidades dos processos de transitividade presentes nos textos, bem como a estrutura argumentativa em que esses processos se inserem e o modo como funcionam os processos no discurso de autoajuda. Também procuramos situar, nos âmbitos histórico e social, a atuação/caracterização desse discurso e mostrar que ele pode ser veiculado por diferentes gêneros.

Martha Medeiros e suas leitoras parecem pertencer a uma mesma comunidade discursiva, na qual as mulheres podem partilhar experiências, dar conselhos, expor opiniões sobre assuntos comuns a essa mesma comunidade. A autora assume a palavra de suas leitoras e discute problemas afetivos, planos, relacionamentos com homens, com a família (“Por tudo isso, ler sobre as desventuras das feias produz em todas as mulheres um secreto regozijo” – texto 4). Suas crônicas, em geral, não abordam temas relativos a papéis sociais da mulher na esfera pública, ou seja, relativos a decisões sobre governo, economia, finanças ou política. Elas se limitam a dimensões da esfera privada: questões amorosas, sexo, vida familiar, saúde e beleza.

À luz da abordagem de Halliday e Mathiessen (2004), a língua como sistema sociossemiótico é influenciada pelo contexto de uso, constrói significados e possibilita a representação da realidade com base na realização de escolhas linguísticas nas interações verbais. Este trabalho procurou analisar o discurso de autoajuda e de que forma as crônicas voltadas para o público feminino – construídas por meio desse discurso – representam a experiência de “ser mulher”, de acordo com o sujeito enunciador.

Partindo do princípio de que a seleção dos recursos linguísticos está envolvendo o falante e o contexto de uso, a presente análise pretendeu não perder

de vista as realizações materializadas no *corpus* em questão e com igual valor, o contexto em que foram realizadas.

A partir dos resultados já comentados, podemos afirmar que, embora aparentemente se possa pensar que é repetitiva uma análise dessa natureza, os dados mostram exatamente o contrário. Considerando que a transitividade não diz respeito apenas aos verbos, mas perpassa toda a oração conforme abordagem da LSF e, muitas vezes, se estende além desta – como podemos comprovar quando realizamos análise de língua em uso – podemos observar que, mesmo havendo semelhanças estruturais, a significação da oração é dada pela relação processo / participantes / circunstâncias, e ainda depende do contexto em que é empregada.

Acrescentamos ainda que a análise do sistema de transitividade empreendida neste trabalho revela-se de grande importância para a compreensão da gramática da língua como uma ferramenta para a construção de sentidos. Mostrar o funcionamento dos diferentes processos em textos opinativos torna-se, então, uma das contribuições desta dissertação aos estudos sistêmico-funcionais.

Comunicar-se pode ser entendido como exteriorizar o pensamento por meio da fala ou da escrita. Essa comunicação pode ser objetiva, de conteúdo puramente intelectual, limitando-se, portanto, à verificação da existência de um fato.

Contudo, na maioria das vezes, é acrescentada à mensagem uma intenção de impressionar ou conquistar o destinatário e, para isso, o emissor explora, consciente ou inconscientemente, diferentes recursos (linguísticos, estilísticos e discursivos) que, em conjunto ou isoladamente, pretendem a persuasão e a adesão de seus interlocutores

Os textos de autoajuda estão sendo cada dia mais disseminados em nossa sociedade, e a persuasão feita por eles se dá, muitas vezes, de forma bastante sutil. Em alguns momentos é difícil perceber quais as estratégias utilizadas pelos autores para o convencimento de seus leitores. Apenas uma leitura mais atenta dá conta de perceber como esse jogo de sedução do leitor se dá no texto. Mensagens desse tipo são enviadas e recebidas, muitas vezes de forma inconsciente, acreditando-se apenas tratar-se de conselhos ou textos bonitos, inofensivos, cujo único objetivo é ajudar os outros. Nesses textos, a felicidade é o ideal maior, o qual é perseguido

incessantemente, embora nunca seja plenamente alcançado nem demonstrado claramente.

É importante ressaltar o valor deste trabalho também para a escola básica. Ao explorar o texto, percebendo como foi trilhado o caminho do autor em direção ao interlocutor por meio das relações linguísticas, o aluno poderá ver, com mais clareza, como se constrói um texto argumentativo e, a partir disso, estar mais consciente das estratégias que ele mesmo poderá usar ao escrever o seu próprio texto.

Analisar um texto de estrutura argumentativa pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional é fundamental não apenas para que o aluno perceba as nuances do texto, mas também para que ele entenda como as ideias foram organizadas com vistas a persuadir o leitor, transmitindo um ponto de vista, mesmo por meio de argumentos considerados clichês. É interessante também discutir com os alunos se tais estratégias são válidas e o porquê de “funcionarem” tanto nos dias atuais.

Demonstrar como as escolhas lexicogramaticais influenciam no modo como o texto é organizado e, dessa forma, no modo como as ideias são transmitidas, fará com que os alunos percebam que é necessário sim, conhecer a Gramática da língua, mas não apenas isso: é preciso que ele entenda como ele mesmo pode passar a escolher conscientemente a maneira que irá montar seu próprio texto.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, André Effgen de. **O discurso de autoajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos**. Dissertação (Mestrado) – UFES, Vitória, 2009.
- ALONSO, Denise Michelin. **A Argumentação em textos de Autoajuda**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 29, p. 12-15, ago. 1999.
- ANDRADE, Luiz Antonio Caldeira e TAVEIRA, Valdirécia de Rezende. Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional. In: LIMA, Cássia Helena Pereira (Org.). **Incursões Semióticas**. Rio de Janeiro: Livre Expressão Ed., 2009. p. 49-55
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.
- CHAGAS, A. **A Ilusão no discurso da Autoajuda e o sintoma social**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.
- CHARRAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contexto de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- COSTAS, Fabiana Adela Tonetto; FERREIRA, Liliana Soares. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 55, p. 205-223, 2011.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1988.
- _____. Argumentação e 'topoi' argumentativo. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- DUTRA, Vania **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. Tese (Doutorado) - UERJ, Rio de Janeiro, 2007.
- EGGINS, S. **An Introduction to systemic functional Linguistics**. London: Pinter, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].
- FREITAS, Paulo Eduardo de. A crônica: sua trajetória; suas marcas. In: Congresso de Letras, 5. Anais.... UNEC, p 171-179. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>. Acesso em: 19 out. 2011.
- GOUVEIA, Carlos A.M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009.
- HALLIDAY, Michael. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John. (Org.) **Novos horizontes em Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1976.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introducion To Functional Grammar**. London: Arnold, 2004.

HERBELLE, V. M. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. **Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad**, Barcelona, v. 1, n. 3, p. 73- 86, 1999.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. Editora Cortez, 2002.

LIMA-LOPES, **A transitividade em Português**. São Paulo: LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ; United Kingdom: AELSU, University of Liverpool, 2008.

LOLI, Rejane. **Persuasão no discurso de autoajuda: uma abordagem sistêmico-funcional**. São Paulo: [s.n.], 2008.

LOPES, Cristiane Mattos; FELIZARDO Karla Guidoni; RANHEL, Tacyla Garcia. **O discurso da autoajuda na academia brasileira de Letras: um estudo sobre Paulo Coelho**. Franca: [s.n.], 2008.

MAGIOLI, Tatiana Souza. **Topoi argumentativos nos provérbios e ditos populares**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/36/11.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTELLI, Carla Giani. Autoajuda e o “espírito de nossa época. **Perspectivas**, São Paulo, v. 38, p. 195-220, jul./dez. 2010

MARTINS, Noara Bolzan. **A linguagem representa: uma análise textual pela perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional**. 2009

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Aline Cristina. **Crônica: um gênero menor? indagações acerca do texto lítero-jornalístico**. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/coloquio/anais2010/alinecristina.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2011.

ORTMANN, Paula Dreyer. **A argumentação na construção do sentido em diferentes gêneros discursivos**. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

PERELMAN, Chaïn; TYTECA, Lucie O. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PEREZ, Raphael dos Santos Miguez. A transitividade na música gospel brasileira sob a ótica da linguística sistêmico-funcional de Halliday. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v.3, n. 2, p. 46-64, mai./ago. 2012

ROCHA, Regina. **A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português**. São Paulo: Annablume, 1995.

SOUZA, Maria Medianeira de; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Transitividade, editorial e opinião: uma análise sistêmico-funcional**. [S.l.: s.n.], 2006

TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia; PIRES, Vera Lúcia. A identidade feminina na maturidade: o gênero carta ao leitor nas revistas femininas. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. **Anais do CELSUL**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZANELLA, Ariana. **Mapeamento macro e micro estrutural da retextualização de resumos on-line: Estudo da transitividade de abstracts biomédicos**. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2006.

ANEXO A - Sisters (Texto 1)

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/03/martha-medeiros-sisters-2827776.html>

Sempre que chega o Dia Internacional da Mulher, procuro fugir do discurso de vitimização que a data invoca. Não que estejamos com a vida ganha, mas creio que as mulheres já mostraram a que vieram e as dificuldades pelas quais passamos não são privilégio nosso: injustiça e violência são para todos. Temos, ainda, o grande desafio de conciliar as atividades domésticas com a realização profissional, e precisamos, naturalmente, da parceria do Estado e da parceria dos parceiros: ser feliz é um trabalho de equipe. Mas não vou utilizar o 8 de Março para colocar mais água no chororô habitual. Prefiro aproveitar a data, esse ano, para fazer um brinde à nossa importância não para a sociedade e nem para a família, mas umas para as outras.

Assistindo em DVD ao delicado filme *Caramelo*, produção franco-libanesa do ano passado, tive a sensação boa de confirmar que o tempo passa, os filhos crescem, os corações se partem, mas as amigas ficam. Como todos os filmes que abordam a amizade e a solidão intrínseca de toda mulher, *Caramelo* nos consola valorizando o que temos de melhor: a nossa paixão, a nossa bravura ("sou mais macho que muito homem") e o bom humor permanente, mesmo diante de tristezas profundas.

No filme, elas são cinco: a amante de um homem casado, a que tem pavor de envelhecer e por conta disso se submete a situações humilhantes, a garota muçulmana com casamento marcado que precisa esconder do noivo que não é mais virgem, a enrustida que se sente atraída por outras mulheres e a senhora que desistiu de investir no amor para cuidar da irmã mais velha, que é mentalmente perturbada. Todas diferentes entre si e todas iguais a nós: mulheres conflituadas, mas que podem contar umas com as outras em qualquer circunstância.

Recentemente recebi por e-mail um texto anônimo, em inglês, que falava justamente sobre isso: precisamos de mulheres a nossa volta. Amigas, filhas, avós, netas, irmãs, cunhadas, tias, primas. Somos mais chatas do que os homens, porém, entre uma chatice e outra, somos extremamente solidárias e companheiras de farras e roubadas. Esquecemos com facilidade as alfinetadas da vida e temos sempre uma boa dica para passar adiante, seja a de um filme imperdível, de uma loja barateira

ou de uma receita para esquecer da dieta. Competitivas? Talvez, mas isso não corrompe em nada a nossa predisposição para o afeto, a nossa compreensão dos medos que são comuns a todas, a longevidade dos nossos pactos, o nosso abraço na hora da dor, a nossa delicadeza em momentos difíceis, a nossa humildade para reconhecer quando erramos e a nossa natureza de leões, capazes de defender não só nossos filhotes, mas os filhotes de todo o bando.

Aprendemos a compartilhar nossas virtudes e pecados e temos uma capacidade infinita para o perdão. Somos meigas e enérgicas ao mesmo tempo, o que perturba e fascina os que nos rodeiam. Brigamos muito, é verdade: temos unhas compridas não por acaso. Em compensação, nascemos com o dom de detectar o sagrado das pequenas coisas, e é por isso que uma amizade iniciada na escola pode completar bodas de ouro e uma empatia inesperada pode estimular confidências nunca feitas. Amamos os homens, mas casadas, mesmo, somos umas com as outras.

ANEXO B - Ai de nós, quem mandou? (Texto 2)

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/donna/noticia/2010/08/martha-medeiros-ai-de-nos-quem-mandou-3017466.html>

Mulheres ganham salários menores do que os dos homens, e líderes feministas seguem lutando para reverter essa injustiça. Mas já não sei se é boa ideia continuar batalhando por igualdade. Depois de ler o resultado de uma recente pesquisa feita pela Universidade de Harvard, fiquei inclinada a pensar que talvez seja melhor manter as coisas como estão. A pesquisa chama-se *Schooling Can't Buy Me Love* (Escolaridade não pode me comprar amor) e confirma que mulheres que estudam mais acabam progredindo e, quanto mais bem-sucedidas, menores as chances de se casar. Os homens ainda não estão preparados para abrir mão da superioridade que o papel de provedor lhes confere. E mesmo os mais atentos, que apoiam que suas mulheres sejam independentes, ficam inseguros se elas tiverem cargos de chefia e muita visibilidade. Ganhar dinheiro, tudo bem, mas aparecer mais do que eles já é desaforo.

Beleza. O que vamos dizer para nossas filhas? Estudem, mas fazer doutorado e mestrado é exagero, antes um bom curso de culinária. Tenham opiniões próprias quando conversarem com as amigas, mas em casa digam só “ahã”, para não se incomodar. Usem seu dinheiro para comprar roupas, pulseiras e esmaltes, esqueçam o investimento em viagens, teatro e livros. E, na hora de se declararem, troquem o “eu te amo” por “eu preciso de você”, “eu não sou ninguém sem você”, “eu não valho meio quilo de alcatra sem você”. Homens querem se sentir necessários. Só amados não serve.

Que encrenca que as feministas nos arranjam. Estimularam o pensamento livre, a autoestima, a produtividade e a alegria de trilhar um caminho condizente com nosso potencial. De apêndices dos nossos pais e maridos, passamos a ter um nome próprio e uma vida própria, e acreditamos que isso seria excelente para todos os envolvidos, afinal, os sentimentos ficaram mais honestos, e com eles os relacionamentos. O amor deixou de ser o álibi para um lucrativo arranjo social. Passou a ser mais espontâneo, e as carências de homens e mulheres foram unificadas, já que todos precisam uns dos outros para dividir angústias, trocar carinho, pedir apoio, confessar fraquezas, unir forças no momento das dificuldades. Todos se precisam da mesma forma, não de formas distintas. Mas há quem defenda

que homem só precisa de paparico e mulher de quem tome conta dela, ponto e basta.

Nunca imaginei que em 2010 ainda estaria escrevendo sobre isso. Achei que os homens já tivessem percebido o quanto ganham em ter uma mulher inteira a seu lado, e não um bibelô. Acreditei que a competitividade tivesse dado lugar a um companheirismo mais saudável e excitante, onde todos pudessem se orgulhar dos seus avanços e se apoiar nas quedas, mas que iludida: isso é coisa pra meia dúzia de emancipadas, filha. Essas mulheres aí que não cozinham, não passam, não lavam, só evoluem, essas não são exemplo pra ninguém, são umas coitadas de umas infelizes que pagam as contas e ainda se acham divertidas, se fazem de inteligentes, querem bater perna em Nova York, pois vão arder no fogo do inferno, vão amargar na solidão, vão se arrepender de ter lido aquela Simone de Beauvoir, vão morrer abraçadas aos seus laptops, aqui se faz, aqui se paga, escreve aí.

Tamo ferrada.

ANEXO C - De onde surgem os amores (Texto 3)

Uma amiga na casa dos 50 estava solteira há anos. Já tinha perdido a esperança de encontrar um novo namorado, e tampouco se sentia ansiosa por causa disso. Havia casado duas vezes, tinha um filho bacana e podia muito bem viver sem amor, essas mentiras que a gente conta pra nós mesmos. De qualquer forma, pra não perder o hábito, saía de vez em quando à noite, ia pra balada, se produzia bonitinha, vá que... Mas voltava invariavelmente sozinha pra casa. Até que um ex-paquera do tempo que ela era uma debutante enviou um e-mail – ele, depois de muitos anos morando no exterior, voltaria para o Brasil e gostaria de revê-la. Milagre by Facebook.

Ela disse claro, imagina, vai ser ótimo, mas não sabia quando exatamente a promessa desembarcaria no Galeão. Seguindo sua vida, foi para a piscina do clube num sábado de manhã e lá, estando bem acima do peso, suada e com um biquíni do tempo das cavernas, num daqueles dias em que só falta a placa pendurada no pescoço dizendo “Não se aproxime”, ela escutou seu nome sendo pronunciado por uma voz aveludada. Era o dito cujo, testemunhando in loco no que a debutante havia se transformado depois de tantos anos. Ela pensou na hora: esse cara vai sair em disparada. Ele pensou na hora: não desgrudo mais dessa mulher. E assim foi. Certa de que só com dieta, grife e escova atrairia olhares, ela conquistou um guapo no momento em que menos se sentia atraente.

Outra história. Atriz, loira, linda, olhos verdes, leva um fora do namorado. Passa dias com olheiras e inchaços de tanto chorar. Deprê em estágio avançado. A família organiza um almoço do tipo italiano, aberto ao público. Ela vai entupida de ansiolíticos e lá encontra um antigo conhecido com quem brincava na infância. Ele, recém separado, mas inteiro. Ela, recém separada, mas um trapo. Ficaram ali conversando, ela lamentando seu destino, desabafando sobre sua má sorte, quando, em meio a soluços, a mulher se engasga. Mas engasga feio. Engasga de quase morrer. Um vexame. Pelo menos uns 10 parentes vieram esmurrar suas costas, e a coitada vertendo lágrimas sem conseguir respirar, roxa como uma berinjala, já encomendando a alma. Ela me conta: naquele dia eu havia saído de casa me sentindo horrorosa, e aquele engasgo piorou ainda mais a situação, eu

parecia o demo convulsionando. Mas o amiguinho de infância não teve essa impressão. No dia seguinte telefonou para saber como ela estava passando, e estão casados há 15 anos.

Mais uma: depois de 21 anos de uma relação muito bem vivida, veio a separação amigável. Porém, mesmo sendo amigável, nunca é fácil sair de um casamento, ainda mais de um casamento que não era um inferno, apenas havia acabado por excesso de amizade. Ela pensou: acabou, agora é a hora do luto, normal, um recolhimento me fará bem. Não deu uma semana e um estranho tocou o número do seu apartamento no porteiro eletrônico. Ela não reconheceu a voz, o nome, não sabia quem era, e não deu trela. Ele tentou outra vez no dia seguinte: ela tampouco abriu a porta, achou que o cara havia se enganado de prédio. No terceiro dia, ela resolveu esclarecer pessoalmente o equívoco. Desceu até à portaria para convencer o insistente de que ela não era quem ele procurava. Era.

Do que se conclui: de onde muito se espera – boates, festas, bares – é que não surge nada. O amor prefere se aproximar dos distraídos.

ANEXO D - A mulher feia (Texto 4)

Não sou de gargalhar alto enquanto leio um livro, mesmo que esteja achando a maior graça. Sorrio por dentro. Uma das raras vezes em que me peguei rindo ruidosamente foi quando li “A mulher que escreveu a Bíblia”, de Moacyr Scliar. A narradora é uma mulher que se olha pela primeira vez num espelho aos 18 anos e descobre que é feia. Feia não: medonha, asquerosa, repugnante. Mas boa de corpo e inteligentíssima, e é deste cérebro privilegiado criado por Scliar que sairão as tiradas impagáveis deste romance lançado em 1999.

Pois agora é a vez de Claudia Tajes lançar “A vida sexual da mulher feia”, um livro protagonizado por uma mulher de rosto inclassificável e com o agravante de ter um corpo repulsivo. Jucianara — que não é boba e atende por Ju — nos conta sobre sua infância, adolescência e a dificuldade de arranjar namorado por causa dos atributos estéticos que lhe foram negados. É isso o livro, sem maiores pretensões, mas pelo menos em duas ocasiões, durante a leitura, eu tive que enxugar as lágrimas. Literalmente, chorei de rir.

O Brasil é um país de mulheres bonitas. Podem não ser umas deusas, mas cada mulher tem algum atrativo: boas pernas, um olhar penetrante, um sorriso sedutor — alguma coisa ela tem que agrada. Mas adianta ter alguma coisa? Pouco. A pressão para ser linda é tanta que a gente acaba desvalorizando nossos autênticos atributos. Algumas chegam ao exagero de comprar na clínica da esquina o que lhes falta: peitos, boca, cabelo. Por quê? Porque elas se cobram desumanamente. Comparam-se com o que veem nas revistas e se acham feias. Ou são traumatizadas por terem sido feias um dia. Quem já não foi gordinha, quem já não foi desengonçada, quem já não se sentiu o ó do borogodó numa festa, quem? É comum top models revelarem que, na época da escola, eram chamadas de tábua, magrela, estrupício. A feiura ronda a todas, ao menos em alguma etapa da vida.

A excepcional Adélia Prado certa vez escreveu num poema: “Ser bonita e jovem — um dos desejos mais fundos da minha alma”. Marília Gabriela já disse algo como: “Depois de uma certa idade, que me importa ser chamada de inteligente? Eu quero é ser gostosa!”. Ah, só uma mulher — inteligente, claro — pra entender que Gabi tem toda a razão.

Por tudo isso, ler sobre as desventuras das feias produz em todas as mulheres um secreto regozijo. Porque, mesmo quem é bela, acaba se reconhecendo

em alguma neura ou frustração das que nasceram com um rosto, digamos assim, estranho. Não há quem já não tenha sido preterida por outra mais exuberante, ou mais jovem, mais magra, mais loira. Sim, Vinicius, beleza é fundamental, nós que o digamos. Óbvio que não deixamos de valorizar o que realmente interessa: massa cinzenta, caráter e honestidade, mas estou para encontrar uma mulher que não dê a mínima para sua aparência. O bom é que a gente consegue se divertir com o assunto, já que sofrer por causa disso, nem pensar: além de inútil, nos deixa com o aspecto abatido e cheias de olheiras. Era só o que faltava.

ANEXO E - Condição de entrega (Texto 5)

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/donna/noticia/2010/04/martha-medeiros-condicao-de-entrega-2874922.html>

Acaba de ser revelado o que uma mulher quer e que Freud nunca descobriu. Ela quer uma relação amorosa equilibrada onde haja romance, surpresa, renovação, confiança, proteção e, sobretudo, condições de entrega. É com essa frase objetiva e certa que Ney Amaral abre seu livro *Cartas a uma Mulher Carente*, um texto suave que corria o risco de soar meio paternalista, como sugeria o título, mas não. É apenas suave.

Romance, surpresa etc, não chegam a ser novidade em termos de pré-requisitos para um amor ideal, supondo que amor ideal exista, mas "condição de entrega" me fez erguer o músculo que fica bem em cima da sobrancelha, aquele que faz com que a gente ganhe um ar intrigado, como se tivesse escutado pela primeira vez algo que merece mais atenção.

Mesmo havendo amor e desejo, muitas relações não se sustentam, e fica a pergunta atazanando dentro: por quê? O casal se gosta tanto, o que os impede de manter uma relação estável, divertida e sem tanta neura?

Condição de entrega: se não existir, a relação tampouco existirá pra valer. Será apenas um simulacro, uma tentativa, uma insistência.

Essa condição de entrega vai além da confiança. Você pode ter certeza de que ele é uma pessoa honesta, de que falou a verdade sobre aquele sábado em que não atendeu ao telefone, de que ele realmente chegará na hora que combinou. Mas isso não é tudo. Pra ser mais incômoda: isso não é nada.

A condição de entrega se dá quando não há competitividade, quando o casal não disputa a razão, quando as conversas não têm como fim celebrar a vitória de um sobre o outro. A condição de entrega se dá quando ambos jogam no mesmo time, apenas com estilos diferentes. Um pode ser mais rápido, outro mais lento, um mais aberto, outro mais fechado: posições opostas, mas vestem a mesma camisa.

A condição de entrega se dá quando se sabe que não haverá julgamento sumário. Diga o que disser, o outro não usará suas palavras contra você. Ele pode não concordar com suas ideias, mas jamais desconfiará da sua integridade, não debochará da sua conduta e não rirá do que não for engraçado.

É quando você não precisa fingir que não pensa o que, no fundo, pensa. Nem fingir que não sente o que, na verdade, sente.

Havendo condição de entrega, então, a relação durará para sempre? Sei lá. Pode acabar. Talvez vá. Mas acabará porque o desejo minguou, o amor virou amizade, os dois se distanciaram, algo por aí. Enquanto juntos, houve entrega. Nenhum dos dois sonegou uma parte de si.

Quando não há condição de entrega, pode-se arrastar, prolongar, tentar um amor pra sempre. Mas era você mesmo que estava nessa relação?

Condição de entrega é dar um triplo mortal intuindo que há uma rede lá embaixo, mesmo que todos saibamos que não existe rede pro amor. Mas a sensação da existência dela basta.